

I
L
U
S
T
R
A
Ç
Ã
O

P
O
R
T
U
G
U
E
Z
A



ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»
Redação, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 49 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

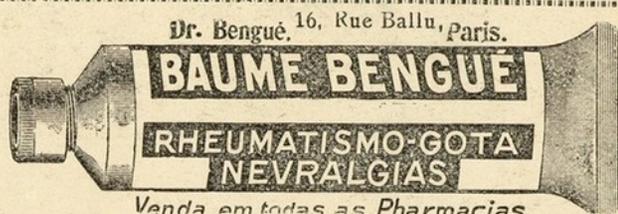
ASSINATURAS

CONTINENTE E ILHAS: 3 mezes, 13\$00;
6 mezes, 26\$00; 12 mezes, 52\$00. — CO-
LONIAS PORTUGUEZAS: 6 mezes, 32\$50;
12 mezes, 65\$00. — PAIZES ESTRANGEI-
ROS: 6 mezes, 51\$00; 12 mezes, 102\$00.
— HESPAÑA: 6 mezes, 29\$50; 12 mezes,
58\$00

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dor, corôas
d'ouro, dentes sem placa.

R. EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.



INSTITUTO NACIONAL

DE

Ensino por correspondencia

LARGO TRINDADE COELHO, 6

LISBOA

CURSOS de escrituração por partidas simples e dobra-
das, Contabilidade, Correspondencia Commercial e prática de
Comercio.

A duração dos cursos depende do tempo que o aluno pu-
der dispensar ao estudo, sendo possível fazer qualquer deles
em três meses, ou em menos tempo.

Não é necessario sair de casa nem prejudicar as ocupa-
ções habituais. Resultados superiores aos que se obtem ge-
ralmente no ensino em classe. Matricula em qualquer dia do
ano. Diploma no fim dos cursos.

O I. N. de E. por Corresp., fundado em Janeiro de 1919,
tem alunos em todo o Continente, Ilhas, Colonias, Brasil, E.
U. da America e outros países.

Peçam os prospectos, que são fornecidos g atuitamente
com todos os esclarecimentos para a matricula.

OURO, PRATA E JOIAS

Compram e vendem aos
melhores preços

Consultem sempre os nossos
preços

Peixoto, all & Pinheiro, Lda

Séde: Rua de S. Paulo, 31

Sucursal: R. de S. Paulo, 114

RELOGIOS DE PAREDE

Aos senhores Relojoeiro

ACABAM de chegar da marca Soleil
e Radium. Despertadores de fantasia e Ba-
bys, Fournitures e terramentas para re-
lojeiros, ourives e gravadores.

GRAND-SORTIDO

COTRINS & AFONSO, Ltd.ª

Rua da Prata, 173 — Rua 31 de Janeiro, 145

LISBOA PORTO

Maquinas de escrever NOVAS E USADAS

Reparações e reconstruções ga-
rantidas — Acessorios
I. Anão & C.ª, Ltd. R. Figueiros,
376, 2. — Tel. 353 N.

Klidina

XAROPE

DE

IODO E GLICEROFOSFATOS ASSOCIADOS

para tratamento das

CREANÇAS

raquiticas, escrofulosas, linfaticas

Substitue o Oleo de Figados
de Bacalhau e o Xarope Iodo Tanico,
com a vantagem de ter sabor
agradabilissimo.

E' a medicação propria dos climas quentes

FORTALECE AS CREANÇAS ABRE-LHES O APETITE

Todas devem tomar
a

Klidina

PEDIDOS A

DAVITA, L. DA

63, RUA EUGENIO DOS SANTOS
LISBOA

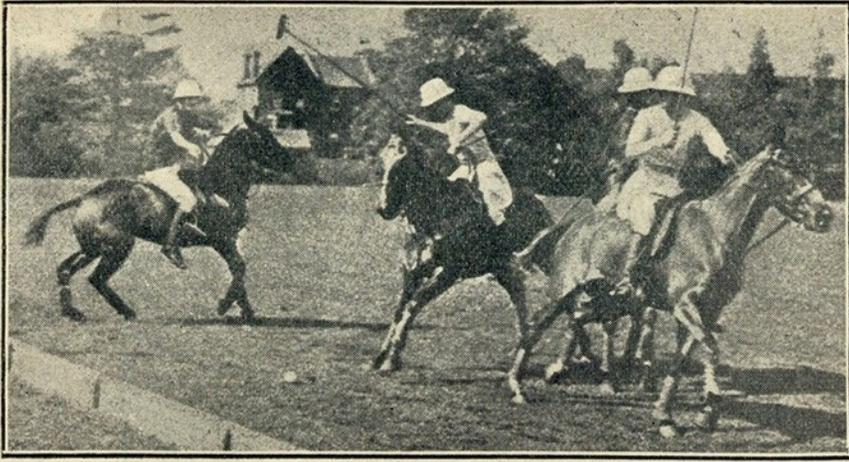
CASA RUBI

Telefone Central 3851

ILUMINAÇÃO, HIGIENE

E AQUECIMENTO

120 — R. RETROZEIROS — 122



TODOS OS "SPORTS"

O PORTO conseguiu, este ano, vencer Lisboa na disputa da *Taça Inter-cidades*.

Contudo a victoria dos portuenses, no 19.º Lisbôa-Porto, não é de molde a lisonjeá-los: mais uma vez os seus jogadores foram incorrectos, e mais uma vez, também, infelizmente, se viu uma arbitragem parcial.

As manifestações feitas por parte da numerosa assistência — mais de 10.000 pessoas assistiram ao jogo — ainda se toleram, porque quem vai jogar ao Porto, já deve calcular o que espera: um excessivo facciosismo, ou melhor um desmedido bairrismo, agora para a atitude do arbitro é que não ha atenuantes.

Como vencer, ou pelo menos fazer bom jogo, se um grupo se tiver que defrontar não só com o adversário, como, também, com o juiz de campo?

A selecção portuense ainda se deve recordar da maneira carinhosa por que, ha mezes, foi recebida na capital, e do que foi o jogo, realisado no campo de Palhavã, correcto por parte dos jogadores de Lisbôa e imparcial por parte do arbitro.

Porque razão, o onze do Porto, que a *aficcion* portuense classifica de igual em jogo, ao da capital, quando não superior, porque razão, repetimos, não tem querido equalar ou mesmo até exceder, o grupo de Lisbôa, na sua costumada correção?

Decididamente não foi brilhante a victoria do Porto, pelo ambiente desagradavel, que, para os jogadores lisboetas, se creou na tarde de 23, no campo do Ameal.

Depois de ter sido expulso do rectangulo do jogo o defensor de Lisbôa, Ferreira — aliás sem que o arbitro tivesse razão para tal fazer, pois aquele jogador apenas se limitava a pegar na bola e colocala na marca de grande penalidade, quando ouviu o arbitro apitar para a applicação desse castigo, por ele, Ferreira, ter tocado a bola com um braço, a dentro da área — depois, duma violenta carga de Velez Carneiro a Victor Gonçalves, — ter sido castigada com . . . uma bola ao ar, depois, ainda de provada a manifesta mio-

pia do arbitro, quando se voltava para as rédes de Lisbôa, que se podia exigir da selecção da capital?

Para que Victor Gonçalves, capitão do onze de Lisbôa, sempre acompanhado do seu grande poder moderador dissesse, no final do encontro, ao enviado especial de *O Seculo*: "só por espirito desportivo não abandonei o campo, a certa altura, com os meus homens, pois os motivos eram tão fortes, que explicariam, de sobejo tão grave decisão. Desde o inicio do jogo observei, que o arbitro estava empenhado em nos prejudicar," foi, de certo, porque *os motivos foram fortes e bem fortes*.

Duma maneira geral o dominio do jogo pertenceu a Lisbôa durante quasi toda a primeira parte, e ao Porto, no final deste tempo e no decorrer do segundo.

A primeira bola do encontro foi marcada aos 25 minutos da primeira parte pelos de Lisbôa, por intermédio de Ribeiro dos Reis, que rematou com uma linda cabeça, e um bom pontapé de canto de Alberto Augusto.

Durante este tempo o Porto obteve duas bolas, a primeira na applicação duma grande penalidade, apontada por Tavares Bastos, e a segunda colocada dentro das redes de Francisco Vieira, por Freire, com um pontapé rasteiro.

No decorrer do segundo tempo, sómente o Porto marcou uma bola, e, esta, por intermedio do seu capitão, Cal.

As selecções representativas das duas cidades, apresentaram-se assim constituídas:

Lisbôa — Vieira, Ferreira Pimenta, Jesus, V. Gonçalves, Alvaro Galha, José Galha, Lopes, Ribeiro dos Reis, Crespo e A. Augusto.

Porto — Casoto, Luzia, Oscar, Costa, Velez, Floriano, Cal, Freire, Tavares Bastos Hall e Paiva.

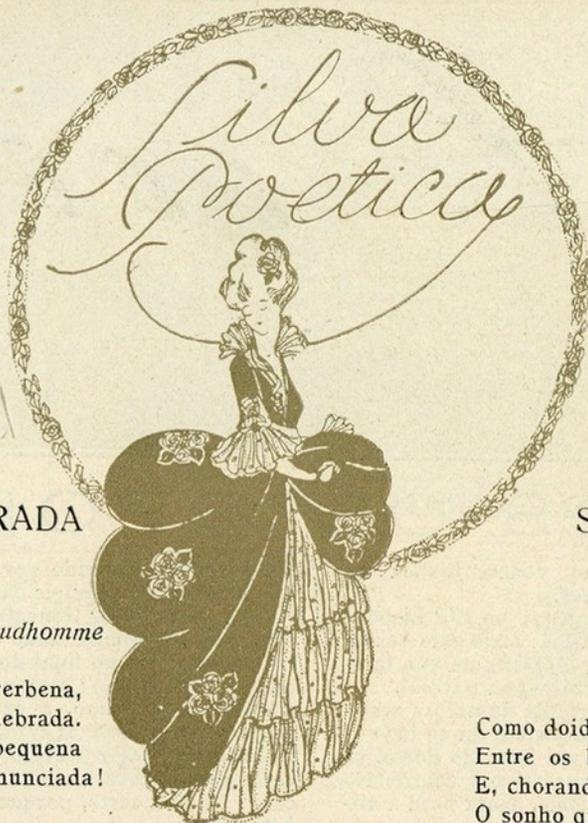
De Lisbôa os melhores foram: Francisco Vieira, Ferreira, A. Augusto e R. dos Reis.

Do Porto salientaram-se: Casoto, Oscar e Floriano.

D. C.



O 1.º onze do Alcobaça Foot-Ball Club — Da esquerda para a direita: srs. Almada Negreiros, M. Neves, J. Bernardés, F. Trindade, Guerreiro Prospero, A. Francez Eduardo Carvalho, José Sampaio, Rodolfo Saraiva, João Vasco e José Costa.



A JARRA QUEBRADA

De Sully — Prudhomme

A jarra onde murchou esta verbena,
 Por um perfido leque foi quebrada.
 Foi tão leve a pancada e tão pequena
 Que nem por debil som foi denunciada!

Mas apesar da sua pequenez
 Dia pr'a dia a fenda vai crescendo;
 Imperceptível mão irá, talvez,
 Manso e manso essa fenda distendendo.

Gota a gota a agua se esvaiu,
 Da flôr a fina essencia é evaporada,
 Ninguém o sabe ou mesmo o presumiu,
 Porém, não lhe toqueis, que está quebrada!

Quantas veses a mão que tanto amamos
 Nos fere o coração mui levemente
 E o lys do amor que nele cultivamos
 Por seu turno fenece lentamente!...

Invisível ao frio olhar do mundo,
 Vae sofrendo, a sorrir, dôres crueis;
 Foi um golpe fatal, pois é profundo:
 Na jarra que fendeu, oh, não toqueis!

José PARREIRA.

RIMAS

(A uma tricana)

Tu és a rosa orvalhada
 da fresca manhã de Abril;
 Eu sou a brisa encantada
 que te beija de perfil

Vibra a alma dum amor
 num canto belo: Ideál
 — Mais vibra a alma da Dôr
 Na triste lira do Mal...

JORGE RAMOS.

SONS DILUÍDOS

I

Como doida velhinha sonha estar
 Entre os braços do noivo a quem amou,
 E, chorando, feliz, sente noivar
 O sonho que a Loucura lhe pensou;

Tal minh'alma ao Futuro foi lembrar
 P'la minha Fantasia que a toucou,
 As Nupcias dum amôr que há-de chegar,
 Amôr divino que a Ilusão gerou.

Ha tanto que partiu!... deixei-a ir
 E eu tão louco, ai de mim! sem a seguir.
 Para agora — eu sei lá!... sei lá aonde,?!

Pobre *esquecido* — ! em vão chamar por Ela
 Que no céu entre os astros julgo vê-la,
 Mas... apenas o Eco me responde...

II

Eu sin'o-me materia, se ao Luar
 Divago distraído olhando quem.
 Fôgo de Deus, sou Luz a irradiar
 Se, concentrado, volvo para *alem*.

Sou Fantasma vivendo a acarinhar
 A Imagem do meu Sêr — do outro alguém
 Que dentro do meu peito anda a cantar,
 Nos Ecos dum amôr que idealizei.

Anda, agora o Som — mais desgarrado
 Cantando dentro em mim, — que desgraçado!
 Na Harmonia das lagrimas que choro.

E ao ouvi-lo?!... a minh'alma ajoelhada
 No coração — ermida derrocada,
 Reza a Deus, pelo corpo aonde eu moro.

Coimbra-XI-X-923.

VAZ CRAVEIRO.

O Lar

Carta a uma noiva:

Nadas em plena ventura, minha pequena, e eu, ao ouvir a tua voz vibrar alegre ao telefone, sinto-me também satisfeita na grande afeição, quasi maternal, que me liga a ti.

Mas, querida—como todas as grandes afeições a minha é timorata, e ao vêr-te encarar o casamento apenas sob o prisma do sonho dourado e feliz, apavora-se de quando em quando.

Não julgues que eu queira vêr essa linda cabeça encaracolada curvada ao peso de graves reflexões e perturbadoras dúvidas. Deus meu, como isso seria triste e pouco natural! Não, pequenina, não, deixes vogar a tua barca da ilusão em pleno mar azul, num ambiente do mais lindo cor de rosa, mas, por vezes, recorda-te que existe uma função importantíssima na vida, a qual, sem o parecer, exerce grande influencia sobre a tranquilidade e felicidade diaria do lar. Essa função—sinto-me tremer ante o prosaismo da palavra e desde já te peço que me perdoes—essa função é... comer

Nunca viste um homem com apetite e a quem o jantar não agrada? É uma perfeita fera, creio bem que, nesse instante, ele abandonaria a mulher mais adorada pela mais execrada, contanto que esta ultima lhe dêsse um bom jantar!

E lembrando dessa maneira de ser masculina é que te aconselho que faças um avental muito bonito,—a beleza nunca prejudica—e que, tres mezes antes do casamento, te dediques com toda a força do teu amor a preparar-te para seres uma boa dona de casa.

Para isso, ser-te-ha necessario empregar esses noventa dias quasi exclusivamente num treino intensivo de assuntos domesticos, aprendendo a cozinhar, a fazer as compras, a dar ordens relativas ao governo da casa; tratando das roupas, tomando as contas, fazendo a escrituração das despesas e receitas. Uma das partes mais dificeis e necessarias dessa educação é saber a ser economica com inteligencia, conhecendo quando o gastar é mais vantajoso do que o poupar e quando a economia se pode exercer livremente, sem perigo de prejudicar. Tua mãe deverá dar-te apenas o dinheiro estritamente necessario para que possas aprender a fazer muito com pouco, porque poupar o muito



é facil, agora, saber economisar o pouco, eis a grande sciencia.

Bem sei, vaes-me objectar que o teu noivo é rico, mas, aceita o meu conselho, esquece isso enquanto estiveres tomando a tua instrução caseira e procede como se podesses dispor apenas dum pequeno rendimento; com os teus instinctos requintados e a tua educação de sociedade, esse facto não te prejudicará na tua maneira de viver depois de casada; não haverá receio que te tornes ri-

dicula por economias exageradas—o que seria para temer com algumas naturezas propensas á mesquinhez.

Estás horrorisada com esta minha carta? Achas que rebaixei o teu amor? Enganas-te, o amor nunca pode ser rebaixado quando é puro e verdadeiro, a sua luz, o seu calor são tão intensos que enobrecem e embelezam todos os actos, por mais humildes que sejam, contanto que se inspirem n'Ele.

Pensa que estás aprendendo a tornar o teu Lar um ninho e bastará esse pensamento para que o trabalho caseiro se torne mais belo que o mais belo poema d'Amor.

ALVITRES UTEIS

Neste tempo quaresmal, ha muitas casas, onde se conserva ainda a prática religiosa do jejum; mas nos tempos que vão correndo torna-se ás vezes muito difficil formar menús que sirvam para esse caso; lembrei-me, pois, de apresentar aqui uma lista de alguns pratos que podessem servir para tal fim:

Pratos de almoço.

Fritos de semola, ovos escalfados ou quentes, bacalhau grelhado ou cozido com broculos.

Batatas, cebolas ou tomates recheados com puré de batata ou feijão. Maças com arroz. Feijão com castanhas. Croquettes de arroz, de batata, de macarrão. Ameixas guisadas. Batatas á espanhola, de caldeirada ou á boa dona de casa. Saladas de feijão frade, de atum, de anchovas, á japo-

MENÚS DA SEMANA

Domingo

Almoço

Feijão branco com linguica
Isas com batatas fritas
Cacau

Jantar

Sopa de grão com espinafres
Tigelinhas de camarão
Carne com molho de fricassé
Pudim de limão

Segunda feira

Almoço

Ameijoas á espanhola
Fatiás recheadas
Chá ou café

Jantar

Puré de hortaliça
Pastelão de peixe
Carne cozida passada por manteiga e salada de alface
Crème de flor de laranja

Terça feira

Almoço

Arraia á ravigote
Arroz de meudos
Cacau

Jantar

Sopa de almondegas de batata
Peixe com molho de anchovas
Galinha corada
Bolelhos de queijo branco

Quarta feira

Almoço

Chôcos abafados
Ovos mexidos com caldo de sustancia
Café com leite

Jantar

Sopa de alface
Caldeirada de lulas
Pombo estufado
Doce de laranja

Quinta feira

Almoço

Carne á camponeza
Cenouras á la poulette
Chá ou café

Jantar

Sopa de farinha d'arroz
Congro de escabeche
Coelho á jardineira
Compotas de pecegos com geleia

Sexta feira

Almoço

Coração de vitela grelhado
Costeletas de carneiro saltadas na frigideira
Cacau

Jantar

Canja
Croquettes de carne e couves au gratin
Pato com purr de batata
Crème de chocolate

Sabado

Almoço

Crescimos de pato e bataias com toucinho
Dobrada com salchichão
Café com leite

Jantar

Puré de favas
Pescada frita com salada russa
Empadão de lombo de porco
Crème de castanhas

neza, á russa. *Purés* de cenoura, de nabo, de rabanetes. Chicorea, salada ou couve, *au gratin*. Feijão guisado e arroz com caril.

Pratos de jantar.

Sopas: Crème de aipo, de cenoura, de arroz. *Puré* de feijão, de fava, de lentilhas.

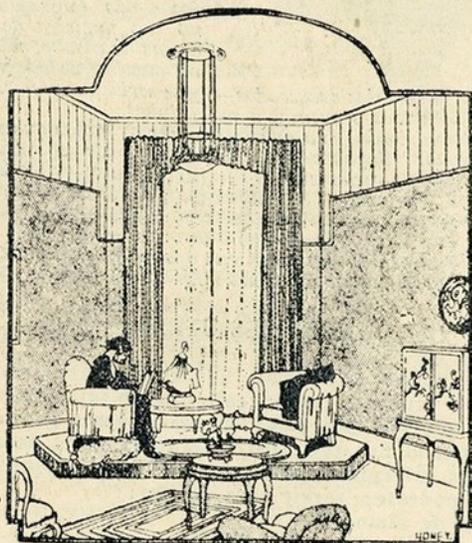
Entradas: Ovos com molho picante e arroz. Peixe cozido, frito ou em salada. Ameijoas á espanhola. Pastelão de ostras. Costeletas de *puré*, de fava ou de feijão. *Vol-au-vent* de legumes. Tomates gratinados. Ovos recheados.

Pudins de ruibarbo, de maizena, de baunilha, de limão.

Como as minhas leitoras veem os elementos necessários á maior parte destes pratos podem sempre arranjar-se e sem grande dispendio, e, com variedade enorme que procurei dar á lista ha um campo extenso de escolha. Não haverá, pois desculpa para fugir ao preceito. Quem não cumprir é porque não quer e não porque não possa.

COMO ARRANJAR UM CANTINHO CONFORTAVEL

Por vezes os grandes aposentos dão-nos uma fria sensação de isolamento e desconforto e ao folharmos para



o vasto espaço que nos rodeia, anecemos por um cantinho onde possamos aconchegar-nos.

Mas se todos os nossos desejos fossem tão facéis de realisar como este! Um pouco de imaginação e de bom gosto e o nosso refugio, apparecerá completo e aninhador. A despeza é quasi nula; consiste apenas em mandar fazer uma plataforma de madeira indo de parede a parede e com a largura suficiente para sobre ella caberem á vontade duas cadeiras confortaveis, uma mesa

baixinha onde se possa tomar o chá das cinco e uma pequena *carpette*.

Reparem na gravura. Um quarto surgindo dentro de outro quarto! E a facilidade com que se pode realisar o milagre, a simplicidade da sua execução, certamente agradarão áquellas das minhas leitoras que, habitando casas muito espaçosas, desejem um canto acolhedor onde possam entregar-se ao prazer de receber algumas pessoas intimas susceptiveis d'apreciar o ambiente que as cerca.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE LEQUES

Os leques de penas representam um papel importante nas *toilettes* de hoje e tão lindos são alguns que já se lhes dedicou um *fitm*.

O galo, a aguia, o milhafre, o abestruz, todos teem contribuido com a sua plumagem para que estes artigos de indumentaria, hajam adquirido incomparavel beleza. A nota original é-lhes fornecida pelo colorido; os tons de madreperola correspondendo ás varetas e a côr azul, desmaiando em lilaz e roseando-se por fim, formaram dois dos exemplares mais lindos que me foi dado contemplar.

As senhoras baixas devem evitar esses leques enormes, que muitas vezes lhe vemos entre mãos, dando-lhes a apparencia de verdadeiras anãs; mas como os leques de penas, quando pequenos, tomam uma apparencia pobre e depenada, seria de aconselhar, que dessem a sua preferencia aos de renda, que tambem teem a sua beleza muito requintada e podem ser tão ricos como os outros quando feitos de renda antiga e ornamentados a pedras preciosas, sendo as mais escolhidas para este fim, os diamantes, as esmeraldas e os rubis.

TRABALHOS DE AGULHA

Não é facil encontrar um ponto para enfeitar a roupa branca, reunindo facilidade de execução e originalidade.

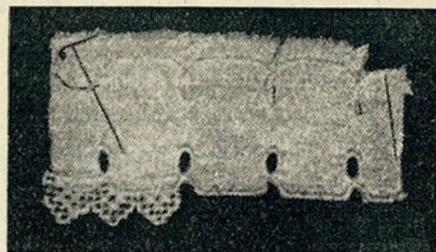
Parece-me, no entanto, que consegui resolver o difficil problema; com a amostra que hoje ofereço ás minhas leitoras.

Esta espi-guilha faz-se rapidamente, é de grande dura e não está ainda banalisada. A linha mais propria para este trabalho é algodão de bordar côr de cereja ou azul celeste.

Prepara-se o trabalho da seguinte forma: com uma bitola vae-se medindo uu intervalo de meio centimetro, pouco mais ou menos, e marcando-o com o lapis.

Em seguida mete-se um furador nas marcas, fazendo orificios redondos ou ovaes. Depois destes preliminares procede-se como para o bordado inglez, empregando o algodão de côr.

Prega-se na borda uma rendinha fina feita com o mesmo algodão ou em branco. Quem desejar pode aumentar os orificios preenchendo-os com medalhões de *crochet* e *filet*.



CALENDARIO DA SEMANA

Março — 31 dias

30 — Domingo — S. João Climaco.

31 — Segunda-feira — S. Ballina.

Abril — 30 dias

1 — Terça-feira — S. Maario.

2 — Quarta-feira — S. Francisco de Paula.

3 — Quinta-feira — S. Pancraccio.

4 — Sexta-feira — S. Is duro.

5 — Sabado — S. Vicente Ferrer.

PENSAMENTOS

O amor devora todos os outros sentimentos como a lava candente devora tudo o que encontra.

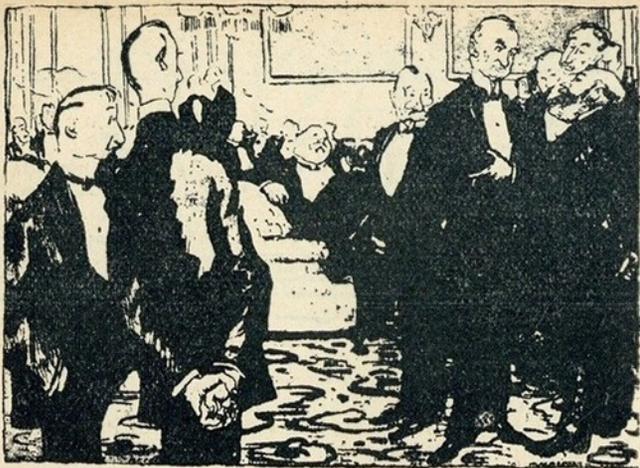
Alexandre Herculano

A ternura é maior que o amor.

Barbusse

A creatura amada é uma carta que Deus nos envia.

Antonio Ferro



—E foi bom o discurso?
 —Ora! E' destes oradores que começam logo por declarar que não sabem o que hão-de dizer e levam vinte e cinco minutos a provar que teem razão...

(De *London Opinião*, Londres.)

SEARA ALHEIA



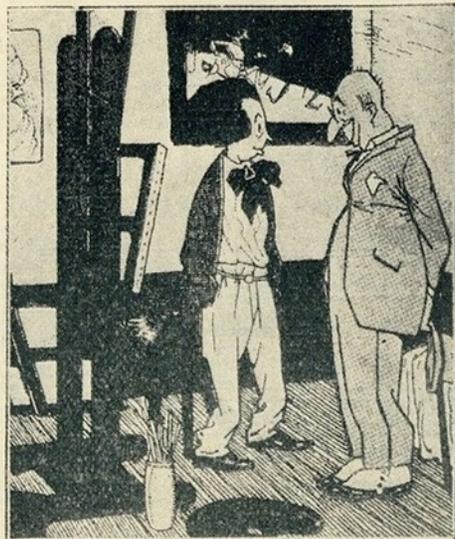
— Não o incomoda o fumo da minha sopa, meu caro senhor?

(De *Le Matin*, Paris.)



A creada—A prova de que não tenho tão mau genio, conforme a senhora diz, é que me dou perfeitamente com os fornecedores!

(De *Le Petit Parisien*, Paris.)



—O que?! Cincoenta pesetas pelo meu quadro?! Ná!... Felizmente ainda não estou a morrer de fome...

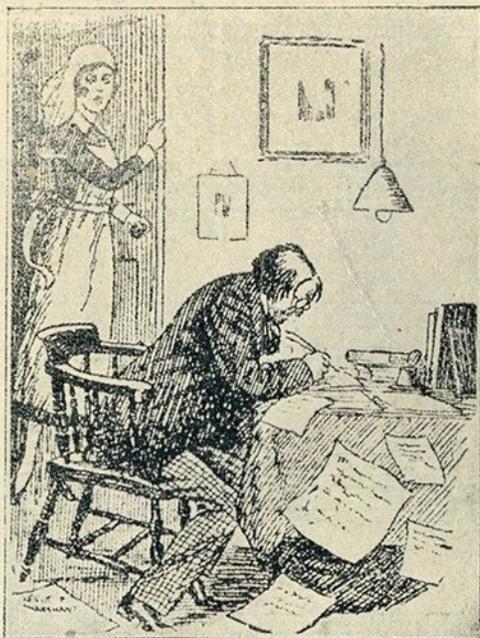
— Bem... Neste caso, esperarei...

(De *Buen Humor*, Madrid.)



—Noutros tempos mudava a gente de camisa todos os dias e trocava uma nota de banco por semana... Agora troca uma nota de banco por dia e muda de camisa uma vez por semana...

(De *Le Rire*, Paris.)



A parteira—E' um rapaz...
O poeta (muito ocupado)—Que diga o que quer!...

(De *Passing-Shaw*, Londres.)



SARABANDA

D. Zipoli.

Largo

Piano

The musical score is written for piano and consists of five systems of music. Each system has a treble and bass staff. The tempo is marked "Largo". The dynamics range from piano (p) to forte (f). The score includes various musical notations such as slurs, ties, and repeat signs. The piece concludes with a final cadence in the fifth system.

JURAS DE MULHER...

JUNTO da sua larga janela clara, aberta á manhã primaveril, Julião detivera-se a revêr, com tranquilo gôso, uma a uma, as cartas que enchiam certa caixa de xarão, muito brunida — seu cofre espiritual de solteiro e de amoroso...

Varias colecções de cartas, perfumes varios, varios nomes de mulher — e em todas essas linhas o mesmo alo de sonho e o mesmo frémito, seguidor mago duma estrela chamada felicidade, estrela perdida sempre em seu campo de névoa.

Então, inclinado para essas cartas, Julião tinha uma curiosidade ao abri-las, como ao fecha-las, um sorriso de sceptico.

E relia esses papeis amigos onde, por vezes, ele achava, guardadas, curiosas reliquias, doces recordadoras de horas e de palavras, agora envoltas pela delicada nostalgia que advém do passado.

Eram uma pobre flôr ressequida, um laço, depois uma pequena folha de arvore, um minusculo botão de luva joias pueris da grande puerilidade do amor...

A flôr recordando uma

promessa ciciada uma noite, romanticamente, junto a um varandim batido de luar; — a pequena folha recordando, inocente, uma merenda, certo dia, em plena luz e em pleno campo, sésta de amantes, risinhos na imensidade que os isola, fervorosos da sua intimidade, e acolhidos á sombra calma duma arvore, ambos merendendo cerejas cujos bagos arrancaram, entre risos, dos labios um do outro; — e o botão de luva evocando uma ternura quente, de *boudoir*, e ainda mais um leque branco e lantejoulado que ao abrir-se deslaça com suas varetas a visão dum baile, aí acordando as palavras duma jura trocada, entre um passo de valsa e um impulso de coração...

E o amoroso revia, todo entregue ao prazer doente de recordar...

Mas eis que entre os seus dedos, ao abrir de nova carta, surge agora outra *reliquia*. E'

um cigarro, um cigarro dos que ele usa e que ali está inteiro.

Julião pegalhe: remira-o atentamente, procura recordar qual a delicia ou qual o tormento que está ligado á sua existencia...

E por fim rememora. Re-



constitue, por isso, o seu caso de amor, já distante, com uma débil caixeirinha, palida e leadora de romances, que o amára com um frenesim ciumento.

E revia o estabelecimento, a hora em que a ia buscar, os passos que davam até casa, unidos e conversadores, demorados no tracto...

Depois os seus passeios de domingo com ela. No verão, até fora de portas: a caminho dos grandes horisontes, esperando os poentes a que assistiam, cheios de sensações entusiasmadas.

E fôra então num desses passeios, sobre uma colina dominando o panorama, que ambos haviam prolongado uma conversa sobre o seu amor,

Mais uma vez, enternecidamente, ela lhe dizia quanto o amava—construindo juras intensas. No entanto, (recordava-o bem) ele se propuzera duvidar; insinuára não dever acreditar e, casualmente, abrindo a sua cigarreira, metera na bôca aquele mesmo cigarro.

Fizera isto precisamente quando, definitivo, tinha afirmado:

—Não, minha querida: é tão certo essas juras não valerem, como é absoluta-

mente certo, eu... ir queimar este cigarro. E, acendera o fosforo,

Porém, de salto, ela, salvando da chama o cigarro tirára-lho dos labios com um gesto nervoso e rapido. E puzera-se a rir, contente de desfazer assim aquela afirmativa dele, deixando de pé o valor das suas juras. Logo então, supersticiosa, guardara na sua carteirinha, como recordação, esse cigarro feliz, chamado a aprovar uma duvida que, de subito, desmentia e aniquilava, escapando ao «absolutamente» e volume.

Anos passaram. E um dia, entre os interesses, a saciedade e as disposições—eis que todas essas juras de eternidade se diluiram afinal...

Juras de Amor! O que elas são Deus do Ceu?!

Mas, de repente, Julião julga achar resposta a tal pergunta; julga enfim prescindir de meditar para sentir o sabor e para vêr com os seus olhos o que taes juras são...

Então, para isso, mete nos labios a cigarrilha *reliquia*, a cigarrilha *penhor*; recosta-se na cadeira; lentamente a acende, e enquanto experimenta o paladar do seu arder perfumoso, observa o fumo leve, azul, efemero — evulado em belas e sinuosas aspiraes... que no ar se dispersam para sempre...

LISBOA

JOÃO AMARAL JUNIOR.



ENCICLOPEDIA POPULAR ILUSTRADA

((PORQUE, COMO E PARA QUE))

SAIU O N.º 14:

“A AGUA,”

Breves noções sobre a agua nos seus aspectos meteorológico, geológico, laboratorial, alimentar e higienico por

ANTONIO LIMA

professor de fisica e quimica da Escola Oficina n.º 1

Em todas as livrarias, quiosques, etc., e, na provincia, nos agentes do *Seculo*

Preço avulso, 50 centavos

Volumes já publicados desta enciclopedia:

- O «Milagreiro» de Nancy
- Maravilhas do Infinito
- Estados Unidos do Brazil
- Gravidez e Maternidade
- A nobre arte
- Como se fala com os mortos
- A Fisica em 26 lições
- Boas maneiras
- Os segredos da atmosfera
- Aves de capoeira
- Foot-ball
- Magia e feitiçaria
- Rendas de «Filet»

UMA CANTORA PORTUGUEZA



FERNANDA CORTE REAL

Soprano lírico que, com justificado êxito, tomou parte no desempenho da ópera *La donna curiose* cantada, pela primeira vez, em S. Carlos, no dia 13 do corrente

(Cliché Silva Nogueira, Fot. Brasil.)

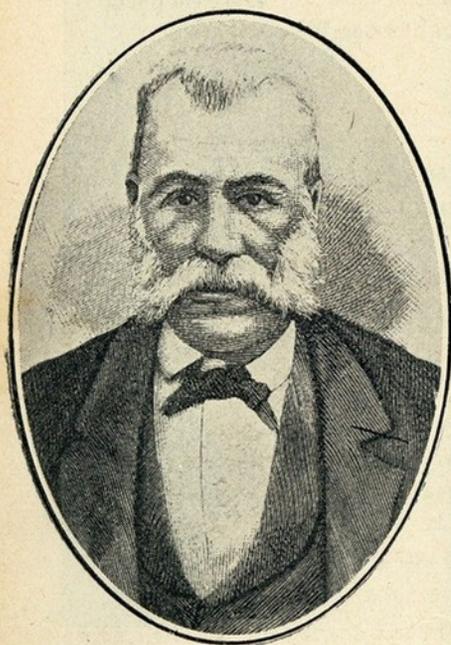
JOGOS OLIMPICOS INTERNACIONAES



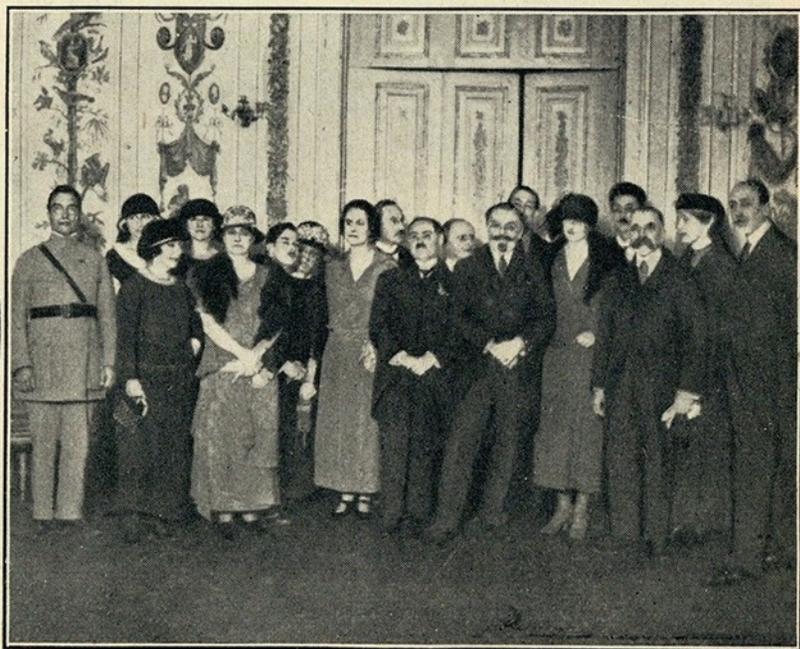
O Sr. Presidente da Republica visitando, no dia 22, a sede do Comité Olimpico Portuguez, onde foi recebido pelo referido Comité, representantes das agremiações desportivas, jornalistas, etc., e inaugurou, com o donativo de 10 libras, a subscrição nacional para a nossa representação nos Jogos Olimpicos de Paris.

Silvestre Bernardo de Lima

O dr. José Pontes, cav. da Legião de Honra



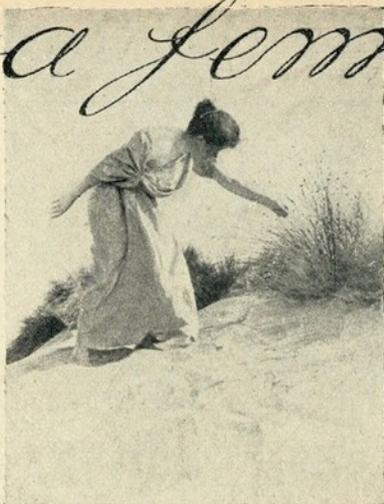
O grande zootecnista portuguez cujo centenário do nascimento será solememente comemorado, no dia 1 do mez proximo, por iniciativa da classe medico-veterinaria.



O sr. ministro da França, dando a direita ao sr. dr. José Pontes, por ocasião da entrega das insignias do grau de Cavaleiro da Legião de Honra, com que este nosso amigo foi recentemente condecorado pelo governo francez, cerimonia que se realisou, no dia 24, na Legação de França.

(Cliché Salgado.)

Página Feminina



A barquinha do rio

Era á beira do rio que num sonho, á tardinha
Me aprasia avistar, vogando silenciosa,
A ligeira barquinha.

Sobre a margem florida eu quedava-me anciosa,
C'o seu rithmo suave, as aguas cristalinas
Tornavam-me ditosa...

Numa doce ternura, as emoções divinas
Que a Natureza dá aos grandes sonhadores,
Eram lindas doutrinas,

Para aprender assim no perfume das flôres
E no sonho da brisa, a lição harmoniosa
Dos etéreos amores.

A barquinha vogava, a deslizar, airosa;
Na região da quimera eu vogava tambem
Numa barca mimosa:

"Oh! sonho, lindo sonho! houve jámais alguém
Que a sorrir não sonhasse, em horas de alegria,
Um desejado bem?!"

"Houve jámais alguém, p'ra quem, a melodia
Da linda Primavera a nascer encantada
Não fosse uma harmonia?!"

Nos extases de um sonho, a palpitar ansiada
Vive uma Eternidade; e se a pobre ilusão
Não vê realizada

Mas sim desfalecida a sua aspiração,
Que importa a nossa dôr?! Desse sonho que finda
Nasce um novo clarão!

[Quando tombava a noite, eu a sonhar ainda
Via á luz duma estrela a barquinha ridente,
Então inda mais linda!

E á branca luz da estrela, a agua transparente
Par'cia prata a arder em sonhos de luar,
Em sonhos de inocente!

Sonhos de etérea luz, docemente a brilhar!...

Pôr do sol

E' uma hora de angustia e de melancolia
O triste pôr do sol, duma tarde d'outono,
Quando a noite caindo, em sombra fugidia
A Terra lentamente envolve no seu sono.

Parece que tambem a noss'alma adormece,
Parece querer possuí-la uma funda tristeza,
Quando ao cair da tarde, o dia empalidece
Numa agonia triste a rescender pureza.

Porque ela morre assim, num estoico sofrimento
Abandonando tudo: as suas vivas côres,
A alegria divina e p'ra maior tormento,
O sol que iluminava os seus grandes amores.

O sol, que viu nascer a timida violeta
E o lilaz e o jasmim e a rosa de toucar
E que deu para sempre ao coração do poeta
Aquele maior don que lhe podia dar!

O sol que iluminou os prados verdejantes
E as colinas e o mar e toda a imensidade,
Que, no extranho fulgor dos seus raios brilhantes
Dá vida e alegria á pobre humanidade.

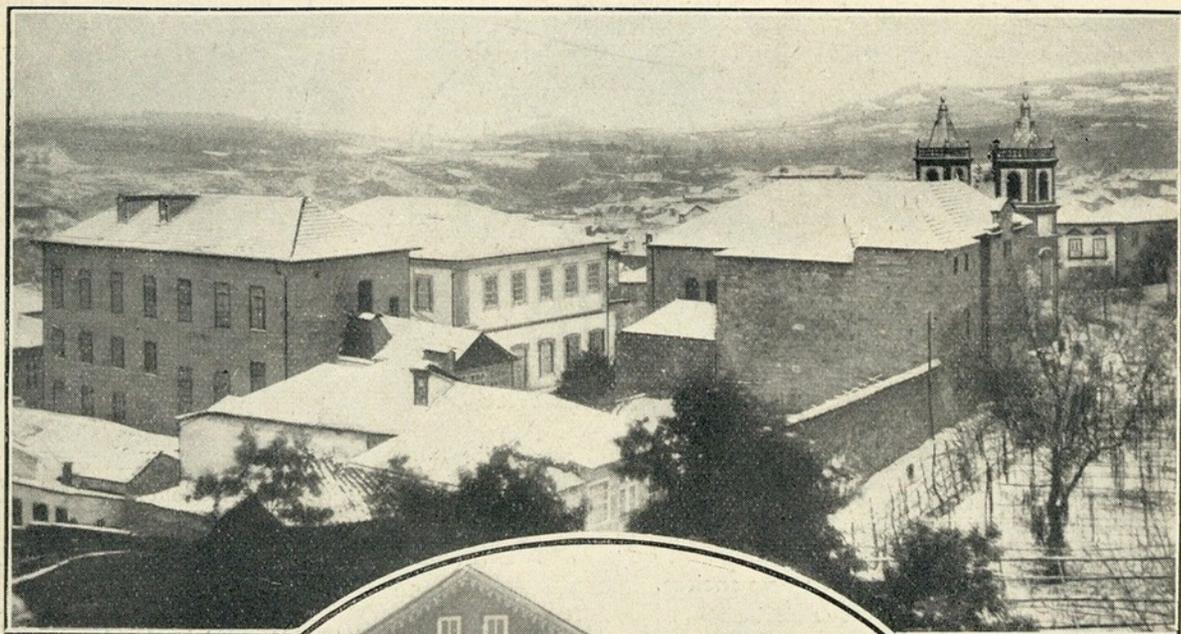
Nas horas do crepusculo, o coração doentio
— Que vive d'ilusões e tambem de amargura —
Vê morrer tristemente!... Sonho fugidio!...
Mas se morre a Quimera, a Saudade perdura!

Tambem quando se extingue, o sol incandescente
Nos deixa uma saudade — e que linda ela é! —
— Uma estrela, a brilhar no ceu, tão docemente
Que ao nosso coração traz a Espr'ança e a Fé!

A Espr'ança que ha-de vir para os crucificados
Um dia todo luz, que não se extinguirá,
Um dia todo brilho em que os amargurados
Não mais verão morrer, o Sol que brilhará!

ZELDA.

VILA REAL COBERTA DE NEVE

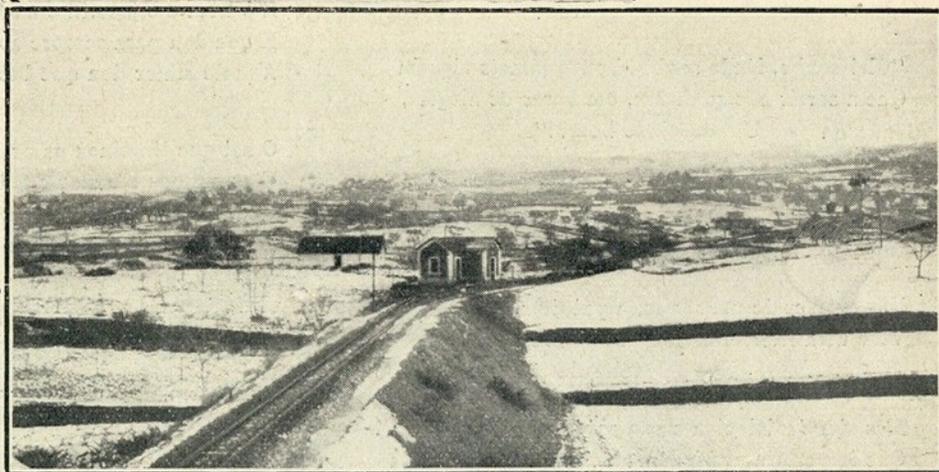


Panorama parcial da formosa cidade transmontana obtido por ocasião da grande nevada que ali caiu nos primeiros dias do mez corrente

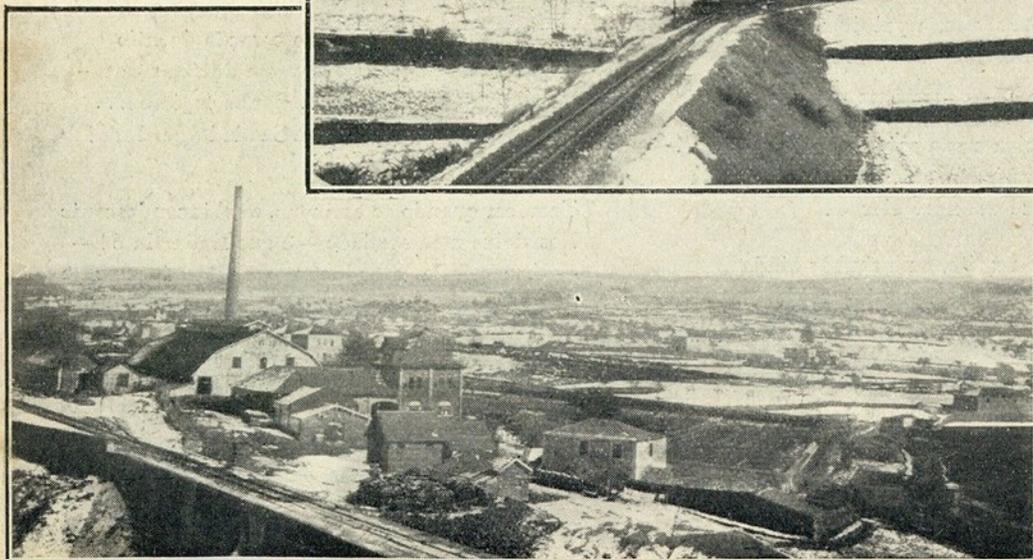


Um aspecto da Quinta da Boa Vista, durante a referida nevada

(Vista tirada do Calvário para os lados de S. Diniz, vendo-se á direita as torres de S. Pedro)



As margens da linha ferrea e os edificios e dependencias da Fabrica de Ceramica Vila Real Limitada, coberta de neve.



(Clichés Miguel Monteiro e Antonio Soares).

**OS TRABALHADORES DE THEATRO
INAUGURARAM, SOLEMNEMENTE,
A SUA NOVA SÉDE**

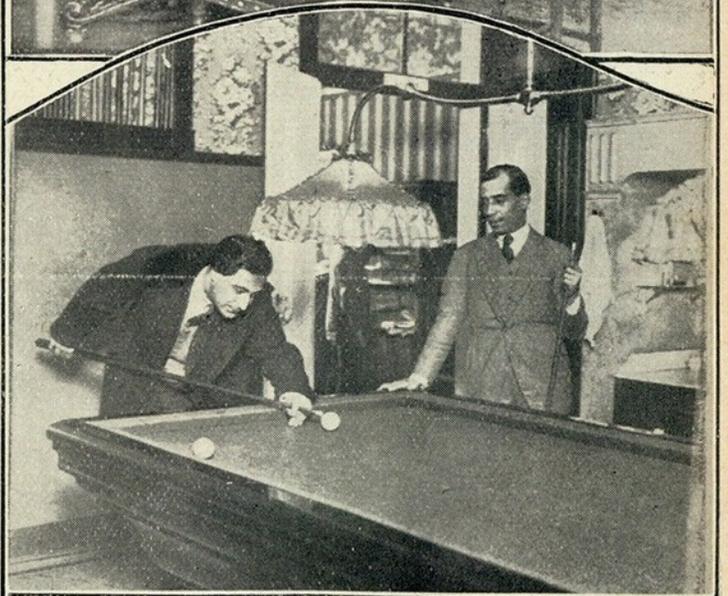
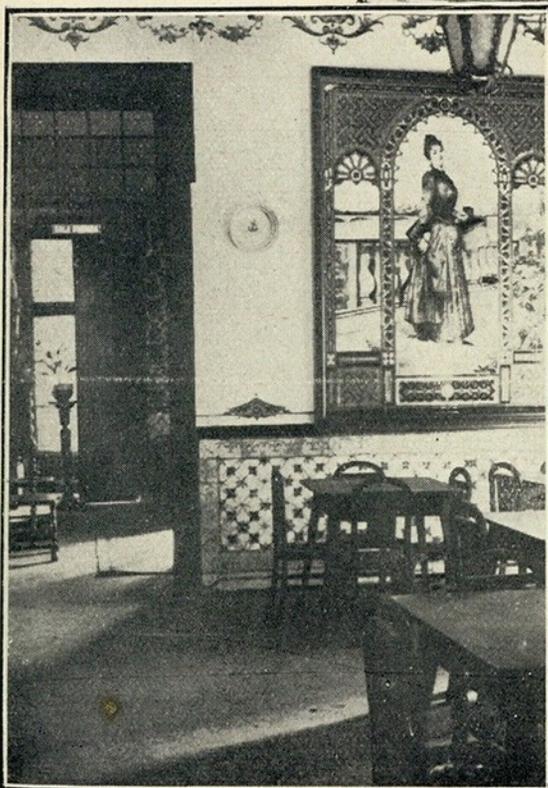
Sob a presidencia do sr. Ministro da Instrução realisou-se, no dia 23 do corrente, a sessão solemne inaugural da nova séde da Associação de Classe dos Trabalhadores de Theatro, instalada num magnifico 1.º andar da Avenida, 9, 1.º. Além do representante do Governo, usaram da palavra varios oradores, decorrendo o acto, durante o qual se procedeu ao descerramento do retrato do actor Estevam Amarante, benemerito da classe, por entre o maior entusiasmo. Entre os assistentes via-se grande numero de autores dramaticos, jornalistas, actrizes, actores, etc. Associando-se á significativa festa, a *Ilustração Portuguesa* exprime os seus mais calorosos votos pelo prosseguimento das prosperidades da simpatica agremiação.



A actual direcção, á qual se deve o importante melhora-mento

Da esquerda para a direita (sentados) Carlos Leal, secretario geral; José Paulo da Camara, presidente; Augusto Cezar de Avelar, tesoureiro; (de pé) Jorge Roldão, José Abreu e Joaquim Miranda, delegados da Associação; Armando Sant'Ana e José Victor, vogaes da Direcção

A sala das sessões da nova séde da A. C. T. T.



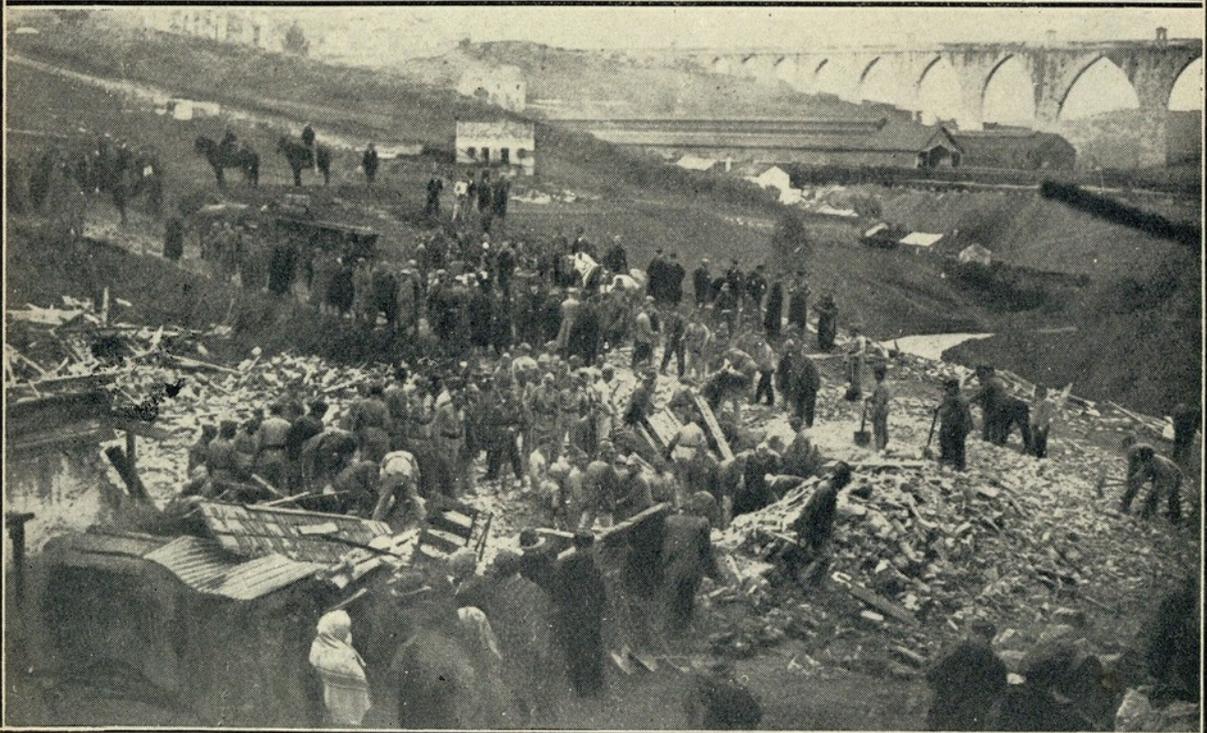
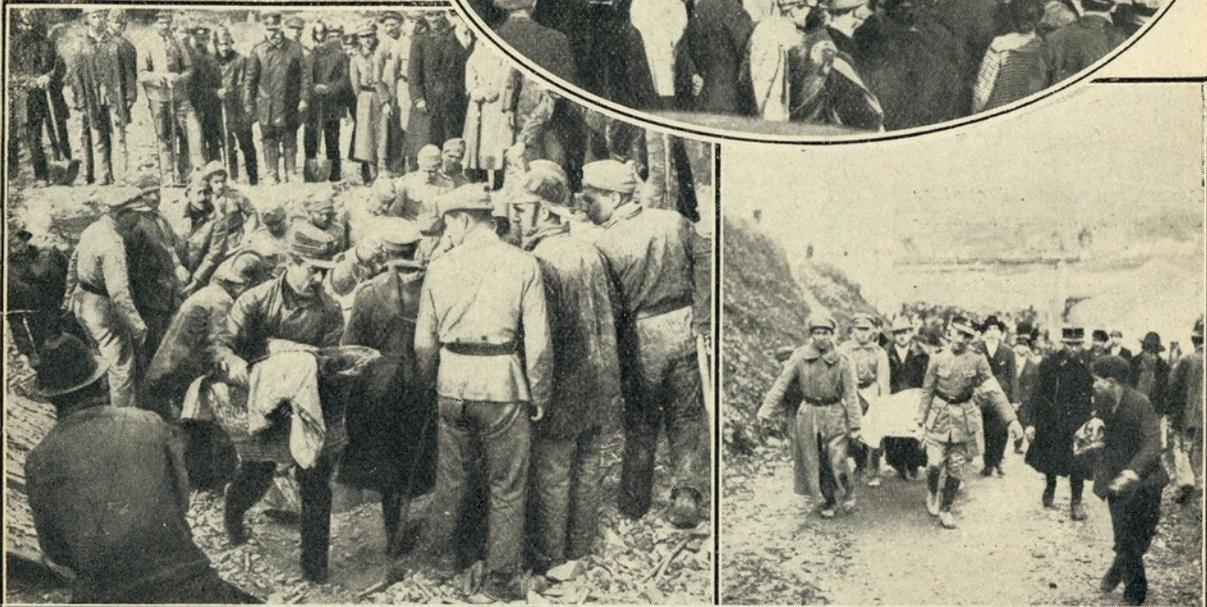
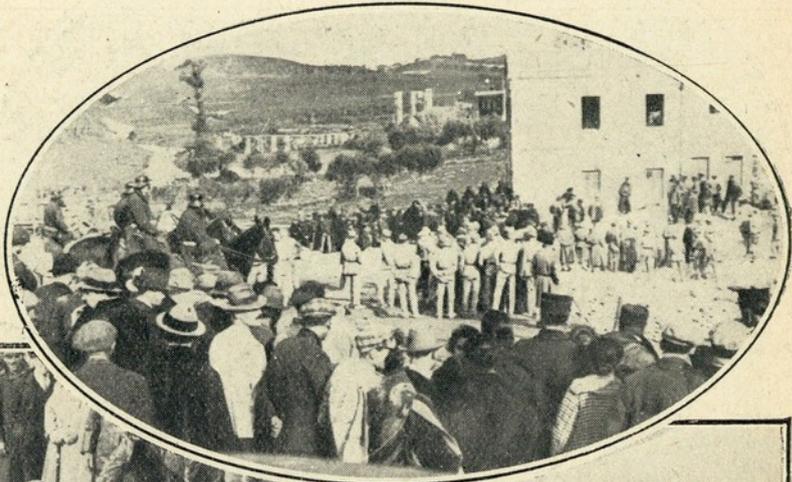
A "buvette"

A sala do bilhar

(Clichés Salgado.)

O TRAGICO DESMORONAMENTO DE CAMPOLIDE

A dolorosa impressão determinada pelo horrível desastre que se produziu na madrugada de 20 do corrente, na travessa do Tarujo, em Lisboa, ainda agora perdura, vivida, em todos os espiritos. Verdadeira catastrophe, em que nem menos de 12 vidas foram sacrificadas á criminosa incuria de constructores sem escrupulos e de uma fiscalisação ainda menos escrupulosa, constituiu como que o prologo duma série de derrocadas que difficilmente se explica não tenha causado ainda mais victimas. Lavrando, tambem, o seu protesto contra essa incuria a *Illustração* regista a sua magua pelo infausto acontecimento.



A remoção dos escombros (na oval)—Dois aspectos do transporte dos cadaveres.—O local do desastre, na ocasião em que se procedia ao salvamento d'alguns dos soterrados

(Clichés Salgado.)



O Impon ente funeral das victimas, realisado no dia 23 — O prestito desfiliando em frente do Teatro Nacional, a caminho do cemiterio do Alto de S. João

(Cliché Salgado.)

A Serração da Velha

ENTRE as diversas costumeiras populares tem um lugar saliente a antiga e tradicional usança, quasi esquecida, conhecida pelo nome de *Serração da Velha* e a que os francezes dão o de *mi-carême*. Um e outro derivam do facto de ser no meio da quaresma que ela se realisa, serrando-se nesse dia (que este ano caiu em quarta feira 26 deste mez) a *Velha*, que é a figuração mitica e alegorica do inverno. A proposito escreveu Teofilo Braga na revista *A tradição*, de Serpa: «... essa salsada ou charivari de chocalhos, buzinas e campainhas com que percorre as ruas, era um acto do culto primitivo do politeismo indo-europeu». E referindo-se á *Velha* diz: «... hoje é uma entidade vaga, sem sentido, que o povo vae serrar, isto é, que vae passar a serra, como quem repele para longe as brumas e as neves do inverno».

E em seguida acrescenta: «Passada a concepção mitica primitiva o povo modificou o sentido e do vestigio da ideia de partir ao meio o ano so'ar; inventou a pratica alegorica de partir ao meio, com a serra, a Velha, metida dentro de um cortiço.»

Ainda o mesmo illustre escritor trata da origem deste costume popular nos seus interessantes volumes: *Origens poeticas do cristianismo* e *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições*.

Adolfo Coelho, na revista *Renascença* de 1878, publicou um artigo em que afirmou que a *Serração da Velha*, o *Enterro do Bacalhau* e os *Judas* de sabado de Aleluia tem a mesma fonte que a expulsão da morte.

Tendo-se identificado a morte, com a tristeza do inverno e com as trevas da noite, simbolisou-se na cerimonia de expulsar o inverno ou a morte, a vinda da primavera, da luz, da alegria, que desenvolve a vegetação e traz a fecundidade.

O distinto escritor o sr. Alberto Pimentel no seu belo livro *Atravez do passado*, traz esta referencia num interessante capitulo dedicado a este assunto: «O costume da *Serração da Velha* parece conservar a tradição mitica da expulsão do inverno pela sua personificação numa *Velha*, como se pode verificar em Gil Vicente (*Triunfo do Inverno*).»

Em que consiste esta festança? Num jornal antigo *Ramalhete* encontramos esta descrição: «O Povo que, como é seu uso, não remonta o pensamento sobre a esfera dos objectos externos se regosijava segundo seu instincto grosseiro, conduzindo processionalmente uma velha pelas ruas para ser serrada em um logar publico, e se entregava a excessos de hilaridade ouvindo lhe fazer a confissão dos seus pecados, e ler o seu testamento cheio de verbas extravagantes, e imitando o estilo pedantesco e ridiculo dos tabeliães de notas, que parece que entrando no exercicio daquelle emprego fazem alardo de nunca escrever com pureza, harmonia, e exacta gramatica.»

«Um dos principaes adubos deste banquete popular consiste nas peças e opios pregados a rapazes, a saloios, a quem persuadem que ao serrar-se a velha, derrama grande quantidade de castanhas piladas, amendoas, figos e passas; e assim obrigam esses palermas a dar largas caminhadas, carregando com escadas, bancos, cadeiras, que lhe figuram como indispensaveis para vêr a cerimonia, acabando esta em vaias, surriadas e, ás vezes, chicotadas, com que os perseguem dando-lhe assim uma lição de prudencia, que não é necessario repetida, mas que eles se não descuidam de dar para o futuro a outros tão innocentes ou patos como eles.»

Na revista *O Occidente* de 1878, veiu um esboço de Manoel de Macedo, que já foi reproduzido no volume anterior desta *Ilustração*, representando esta brutal cerimonia popular, no dizer do illustre escritor o sr. Lopes Vieira no *Em Demanda do Graal*, acompanhado dum artigo de Pinheiro Chagas, onde se lê: «... as tradições populares tem, como muitos outros fenomenos historicos, o periodo hieratico, o periodo heroico e o periodo prosaico. A *Serração da Velha* foi primeiro a festa simbolica em que os cristãos magros e desfalecidos se vingavam da quadra do jejum, dessa velha rabujenta, cortando-a ao meio dentro dum cortiço ao som de festivos aplausos, depois passou ao periodo heroico. Já não apparecia a velha nem o cortiço mas os galeguinhos lorpas recémchegados de



Reprodução duma litografia de O Ramalhete

S. Tiago de Compostela eram levados de escada ás costas para presenciar a festa e para receber as castanhas e nozes que por esta ocasião distribuia a boa velha. As castanhas que eles recebiam eram taponada bravia, e davam-se por essa ocasião combates verdadeiramente homericos de chinguio e de sacco. Hoje não ha combates, porque tambem não ha galegos, e a serração da velha morreu no segundo periodo da sua evolução.»

Como se vê por estes dois curiosos e chistosos artigos os principaes figurantes destas farçadas eram os galegos.

Lá diz um dos folhetos de cordel a elas alusivos:

Ajuntarão-se os galegos
Dos duzentos das cantigas,
Largarão sacos e cordas
Por ver da velha a folia.

Outros folhetos davam, nas vespersas, avisos aos papalvos:

Alerta que o tempo é chegado, alerta, alerta,
Trate recordar-se a gente esperta
Para o opio anual destes calouros,
Que se nutrem de petas, e de agouros.
Carregados de bancos e de escadas,
As costas oferecendo ás arrochadas.

e tambem conselhos proveitosos:

Levem sacos e alcofas
Que hão-de muito apanhar,
Levem bancos e escadas,
Se me querem ver serrar.

A velha era sentenciada, na presença do juiz, carrasco e escrivão:

Pela minha fatal sorte
Estou já sentenciada,
Para dentro num cortiço
Ser este ano serrada.

Mas antes disso fazia o seu testamento:

Já que me cabe por sorte
Este ano ir a serrar,
Quero antes da minha morte
Todos os meus bens deixar.

Num folheto intitulado *Testamento da insigne Velha a Ex^{ma} Sr.^a D. Cecilia Carquilha Quaresma dos Santos*, feito e assinado pelo seu proprio punho, na antevespera da sua memoravel serração, encontra n-se algumas das suas ultimas disposições:

E a esses toleirões
Que á festa assistirem,
Se lhes dê muita pancada
Para demim se não rirem.

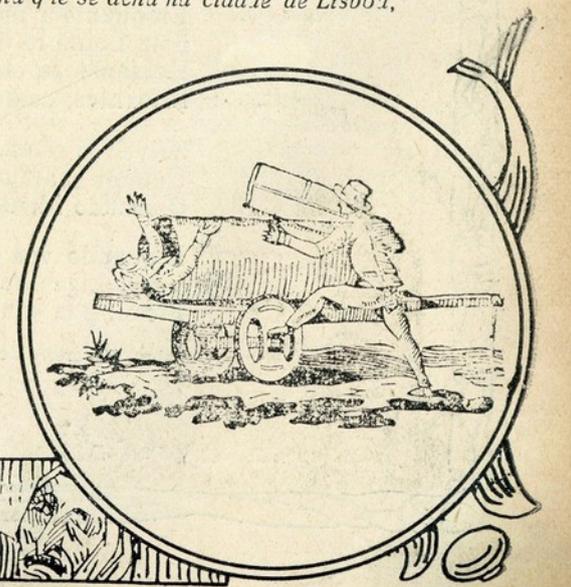
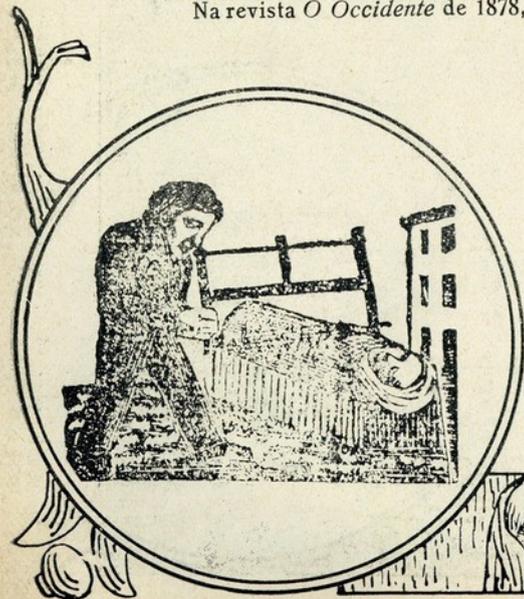
Mas quem foi a esta função
Ha-de-lhe cheirar a alho,
Porque no fim hão-de levar
Todos, com hum bom vergalho.

Estes costumes, de ha muito, estão quasi apagados, porém, ha anos, ainda se realisava esta festa em Cuba, onde metiam dentro do cortiço um cão e um gato, como refere o sr. Fazenda Junior, num artigo da revista *A tradição*, em Lagos como se lê na *Folha democratica*, de 1882; na Moita como informa o *Almanaque de Lembran as* para 1860 em Aveiro e Porto como diz o sr. Alberto Pimentel, no seu livro *Atravez do passado* e em Setúbal onde a presenciamos em 1916.

Na literatura de cordel abundam os folhetos sobre este magno assunto, dalguns dos quaes, por curiosidade, copiamos os titulos: *Nova relação do tragico successo, morte e funeral da Velha Maria Quaresma que sahuiu a cerraer este presente ano de 1752; Testamento de hum velha que se acha na cidade de Lisboa, de idade de mil e sete centos e cincoenta e dois anos serrada por Monsieur de los tempos á vista de toda a celebre marotage; Embargos por parte de huma neta da velha, que ha de ir a serrar na cidade de Lisboa este ano de 1752 a fim de que se revogue o despacho, como em direito melhor logar haja, sendo necessario e se cumprir; Relação curiosa da fugida que faz uma velha para o deserto com temor de ser serrada na presente quaresma, etc.*

Alguns destes folhetos apresentam toscas gravuras, que se reproduzem neste nosso apontado.

HENRIQUE C. FERREIRA LIMA.



SOBRESALTO

.....
Que de noche en tu alcoba (oh virgem solitaria!)
Repitas mis estrofas, igual que una plegaria,
Y te sorprenda el día con mim nombre en tus labios...

Lorenzo Roldán

Não sei, que doce voz me segredava
Na minha alcova, nua de alegrias;
— Mas, n'essa noite, tudo me afirmava
Que decerto, beijar-me, tu virias...

— Requitei-me com graça senhoril...
E, ao mirar-me linda nos espelhos
Já me parecia vêr, o teu perfil
Sorvendo os meus lábios — tão vermelhos!

.. Fui desnudando os seios muito tersos...
E puz-me lento a recitar teus versos
Perdida na visão em sobresalto...

— Mas, de balde, esperei a tua vinda;
... Só o dia ao romper, sentiu ainda
A chamar-te, febril, sonhando alto...

Novembro ido, da minha magua, de 923

SAUDAÇÃO

Para os estudantes Vallisoletanos

Salvé! Da sua antiga gelosia
Debruçou-se Coimbra, em Saudações...
Toucada d'oiro e rosas de alegria
P'ra bem prender, os vossos corações.

Emquanto a mocidade entontecia,
Esta Coimbra douda, e sempre lêda
Hossanas se elevaram de alegria
Rimantes, como versos de Esproncêda

Salve! E n'um ardôr, de mil abraços
Unimos santamente, em nossos braços
O escudo ideal, de dois braços

E quando vos partistes, de longada...
... A Liga Iberica, mais vinculada
Ficou, p'la «união» dos corações.

Coimbra, Fevereiro de 924

DIDA

Nossa Senhora da Conceição da Escada

DESDE os inícios da nacionalidade que o culto da Virgem se exerce ininterruptamente no nosso paiz que foi chamado «Terra de Santa Maria». Todos os reis de Portugal, a partir de Afonso Henriques, veneraram com particulares demonstrações de affecto a Mãe de Deus. De norte a sul se lhe ergueram magestosas catedraes e modestas ermidades. Todas as sés lhe foram consagradas no misterio da Assumpção. O povo, invocando-a sob inumeros, piedosos e eloquentes titulos, apegou-se sempre a ela nas suas horas de tristeza ou de jubilo. Os santuarios marianos abundam em em todas as provincias; a Padroeira é festejada, no decurso do ano, do Algarve ao Minho, ao longo do litoral, pelos maritimos e pescadores, nos cumes e nas quebradas dos montes pelos serranos, nas cidades e vilas pelos seus devotos de todas as classes que lhe enramalhetam de flores altares e nichos, lhe acendem lampadas e lhe armam tronos de velas...

Uma das imagens da Senhora, que maior devoção suscita e mais fervoroso culto cerca, é a da Conceição da Escada, na igreja das Mercês, de Lisboa, e que se festeja a 27 de abril. Pequeninna e graciosa, reza a tradição que o seu aparecimento remonta aos primordios da monarchia e ha quem suponha, fiado nos cronistas, ser a sua existencia anterior á formação da nacionalidade portugueza. Primitivamente era conhecida por Nossa Senhora da Corredoura. A sua antiquissima ermida ficava perto do Rocio, na extremidade de um braço do Tejo, e para ela se subia por uma escada de trinta e um degraus, origem do nome por que o povo passou a designal-a no reinado de D. Afonso II. Rezam os livros e conservou-se na memoria das gentes que o Mestre de Aviz, os altos infantes seus filhos, D. Afonso V, D. Manuel e D. João III, assim como o Santo Condestavel e S. Francisco Xavier, o Apostolo das Indias, lhe dedicaram as suas filiaes homenagens e que os navegadores e colonisadores punham nela a sua confiança...

Em 1580, soldados castelhanos saquearam a ermida e golpearam, sacrilegamente, a imagem. Foi tambem prohibida então, pelos usurpadores, a procissão do dia 1.º de maio, que se realisava em cumprimento do voto do povo de Lisboa pela victoria das nos sas armas em Aljubarrota.



Houve quem conseguisse furtar a imagem ao vandalico furor dos que viam nela como que um pendão de revolta contra quem nos tirára a autonomia. No sitio deserto dos Caraes — onde hoje é a rua Eduardo Coelho — a ocultaram até que, edificando-se em 1595 o convento de Jesus, foi colocada num oratorio da escadaria que dava passagem dos claustros para as tribunas da capela-mór, unica parte do convento e da igreja que resistiu ao terramoto de 1756 e ao desmoronamento de 1758. Em 1760 foi-lhe doada a capela em que actualmente se encontra e que D. Maria de Noronha, a expensas suas, mandára construir, dedicando-a a S. João Baptista. Em 1780, o Papa Pio VI concedia privilegios á Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Escada, os quaes Bento XV confirmou e ampliou no ano de 1917.

A Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Escada fundou-se em 1760 e nela se inscreveram, em grande numero, officiaes da Armada, de diversas patentes, e funcionarios e operarios do Arsenal de Marinha. Do convento de Nossa Senhora de Jesus saíram os capelães navaes e da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia os enfermeiros que iam tambem servir na Armada Real.

Mudaram os tempos; as irmandades constituídas pelas corporações de artes e officios, ou por determinadas classes, são hoje rarissimas e perderam, quasi todas, as suas antigas características. Subsiste a da Senhora da Escada, á qual pertencem pessoas de todas as classes sociaes e que, na formosa e ampla igreja de Jesus, mantem dignamente o culto da Virgem sob a invocação celebre que trouxe da ermida da Corredoura e se radicou no convento pela colocação primeira que lá lhe deram.

As solenidades em honra de Nossa Senhora da Conceição da Escada são das mais concorridas e brilhantes da freguesia das Mercês. Para que o sejam, os freguezes timbram em contribuir com o auxilio da sua bolsa e acodem a dar-lhes lustre com a sua presença. Um pormenor interessante convem exarar: marinheiros da nossa armada, continuando religiosamente uma tradição de seculos, não deixam de comparecer a elas e envergam a opa de irmãos sobre o uniforme...



A escultura da Virgem antes de envergados o vestlido e o manto

Escola de Desenho do Orfeão de Condeixa

ANUNCIA-SE, para breve, a visita a Lisboa do Orfeão de Condeixa, que virá aqui realizar uma festa cujo producto é destinado á manutenção da Escola de Desenho do mesmo Orfeão, instituição que merece todas as simpatias. E, não só ela, como o seu esforçado mantenedor, e cremos que fundador, o sr. dr. João Augusto Antunes, director do Orfeão, a quem o Mestre Antonio Augusto Gonçalves se referiu nos seguintes termos, ha cerca de um ano e por ocasião de uma exposição de Arte promovida por aquele benemerito, tambem em favor da Escola :

A coragem e a tenacidade heroica do dr. João Antunes, qu' desde tantos anos se tem devotado á causa da arte e da educação operaria, é um raro e glorioso

exemplo, que difficilmente encontra imitadores.

O egoismo e o desprendimento pelos interesses da educação publica é, na sociedade portugueza, a mais irreparavel demonstração de decadencia civica.

Por isso mesmo, os serviços e sacrificios devotados por este benemerito cidadão ao progresso da instrução tecnica e do aperfeiçoamento moral da classe operaria, bem merecem os aplausos e o auxilio, com que os artistas acórreram em favor da sua instituição.

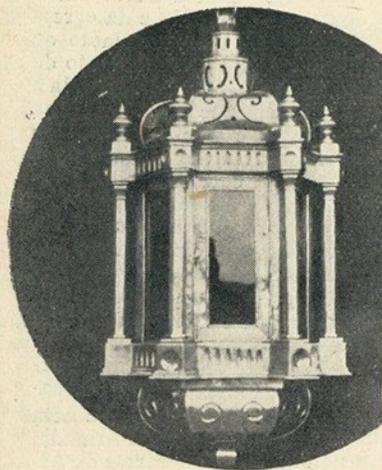


João Augusto Antunes
Director do Orfeão

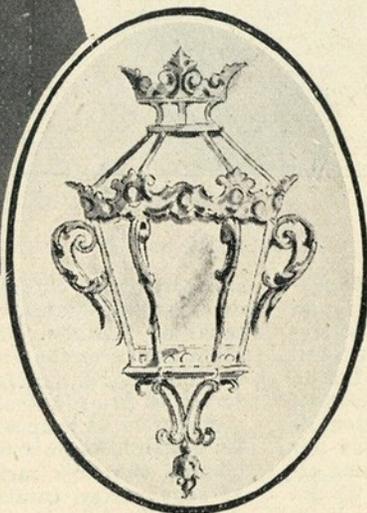
Que o publico e os cidadãos cultos e patriotas generosamente colaborem com a sua contribuição, para esta pequena grande obra — a Escola de Desenho de Condeixa — é o meu ardente desejo.

E será uma demonstração consoladora, embora imitada, para que os desalentados não vejam nos incidentes da actualidade, mais que abalos passageiros duma crise momentanea, que as condições da existencia historica da nação se tornaram inevitaveis.

Fazendo nosso este apêlo, com relação á festa que vai realizar-se em Lisboa, acrescentaremos que a Escola de Desenho do Orfeão de Condeixa existe ha 14 anos, vivendo apenas de donativos particulares ou seja sem o mais pequeno auxilio official.



Lampeões em latão amarelo feitos pelo aluno da Escola, sr. José Ventura (funileiro), para o palacio do sr. Candido Soto Maior, em Condeixa



EXPOSIÇÃO D'AGUARELAS

Realizou-se, no dia 22 do corrente, a inauguração, no atelier Roque Gameiro, á rua D. Pedro V, de uma exposição de aguarelas do joven artista sr. Martins Barata, discipulo daquele grande Mestre e discipulo que o honra, diga-se de passagem.

Assim, a referida exposição, que tem sido muito visitada, constituiu e continua a constituir um belo e justificado successo.

A nosa gravura representa o artista expositor junto d'alguns dos seus quadros.



(Cliché Salgado.)

O TRAJO POPULAR EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVIII E XIX



Alberto Sousa

um volume de que acaba de sair o primeiro fascículo. Sem lisonja podemos classificar de sensacional acontecimento a publicação desta obra e de relevantíssimo serviço aquele que ficamos devendo a Alberto Sousa.

O Trajo Popular em Portugal—perfeita novidade entre nós—é a historia do vestuário do povo através da imagem. Alberto Sousa, com uma paciência beneditina, olhos afeitos a descortinar e a apreciar o valor e a significação das coisas de arte, foi acumulando nas suas preciosas pastas quantos documentos iconograficos se lhe depararam em quadros a oleo, aguarelas, esculturas, desenhos, litografias, azulejos, etc. que fez reproduzir pela fotografia e pela fotogravura, e tambem em esfampas policromas, dispondo tudo cronologicamente e com a elegancia e o bom gosto de quem possui a sua profunda educação estetica.

Até agora só dispersos e com dificuldade se encontravam elementos sobre o trajo popular e nos seculos anteriores. Daqui um formidavel esforço, por vezes esteril, quando se tratava de juntar informações que esclarecessem o artista ou o homem de letras desejosos de apurar certos factos respeitantes á antiga indumentaria portugueza. Alberto Sousa veio preencher uma enorme lacuna. E a sua obra não vale simplesmente como documentação historica: é tambem um recreio para o espirito percorrer as suas lindas paginas cujas ilustrações veem acompanhadas de legendas explicativas dos trajos com o colorido proprio e indicações do local e época. O volume comportará quatrocentas gravuras e é publicado em tomos, de que temos presente o primeiro, explicando nele, em um belo prefacio, o illustre organisador quaes os intuitos que presidiram a este arrojado empreendimento.



Mulher de capote "Zzinh"o

por ALBERTO SOUSA

Alberto Sousa, esse grande aguarelista, cujos admiraveis trabalhos são disputados pelos amadores de arte, é tambem um espirito culto, que aos labores de investigação archeologica, sob alguns dos seus mais interessantes e eruditos aspectos, consagra uma boa parte da sua actividade. Começou, ha mais de dez anos, a colleccionar documentos iconograficos de indumentaria portugueza e apenas com os relativos aos seculos XVIII e XIX organisou



Um embuçado

Nos nossos dias, em que se verifica o extranho fenomeno de tanto mais aumentar a produção de trabalhos impressos quanto mais encarecem as materias primas e a mão de obra, trabalhos em grande parte mediocres ou francamente maus, regista-se com jubilo e aplauso o aparecimento desta historia do trajo popular no nosso paiz, afirmação de estudo, competencia, coragem, amor da arte e fé patriótica de alguém que já fizera nome como pintor e illustrador insigne e que aos seus titulos junta agora o de benemerito, bem ganho com a publicação monumental agora vinda a lume.

De que o publico não é indifferente ás verdadeiras manifestações artisticas e não volta as costas ás coisas simultaneamente belas e uteis dá testemunho o entusiasmo com que acolheu o primeiro tomo de *O trajo popular em Portugal*, correndo a adquiril-o na livraria editora Portugalia, da rua do Carmo, que é a depositaria. Se o exito artistico foi brilhantissimo, o exito editorial foi consolador. Ainda bem! Como sintoma de cultura e bom gosto havemos de concordar que é para desvanecer e animar...

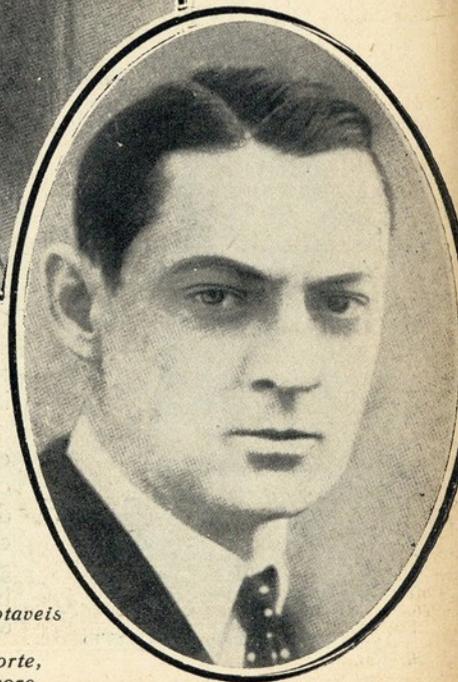
"Estrelas" e "Ázules" do Cinema



feliz, mas ela, não podendo esquecer o seu passado, abandona-o, morrendo, finalmente, sem ter conhecido um minuto de verdadeira felicidade.

M. Donatien — segundo a frase dum jornal parisiense — ajudado pela graça da sua principal interprete, Lucienne Le-grand, conseguiu realizar um milagre, evitando o aborrecimento, que, logicamente, teria despertado nos espectadores, esta sombria historia, se fosse

Francesca Bertini
uma
das grandes
tragicas
do
écran



Um dos mais notáveis
actores da
America do Norte,
Lionel Barrymore

ESTREOU-SE, ha dias, em Paris, a pelicula *La sin ventura*, que M. Donatien realiso sobre um romance espanhol. A Espanha vae, portanto, reviver, durante estas semanas proximas, nos numerosos *écrans* parisienses.

O entrecho do *film* é simples: A historia duma rapariga a quem, a infelicidade, ou melhor, a pouca sorte, persegue; primeiro, como operaria, depois como dançarina. Não encontra, no seu caminho, senão homens, que a fazem sofrer. Abandona a cidade, onde a vida a desampara e refugia-se no campo. Aí toma conhecimento com um rapaz, que pretende fazê-la

transportada para o *écran* sem a arte do conhecido *metteur en scène*.

Donatien, não satisfeito com o trabalho da



Norma Talmadge

Pauline Frederick

—Henry Russel, que não é partidario da adaptação ao cinema de obras teatraes ou literarias compoz, ele proprio, o entrecho das *Violettes impériales*, e, segundo se afirma, nunca foi tão feliz de inspiração.

A *Vioieta*, de Raquel Meller, vale bem as melhores criações das grandes *estrelas* americanas. Suzanne Bianchetti, duma graça encantadora sob a mantilha de rapariga do povo, é duma autoridade notavel, sob o diadema de imperatriz, dando uma bela Eugenia de Montijo.

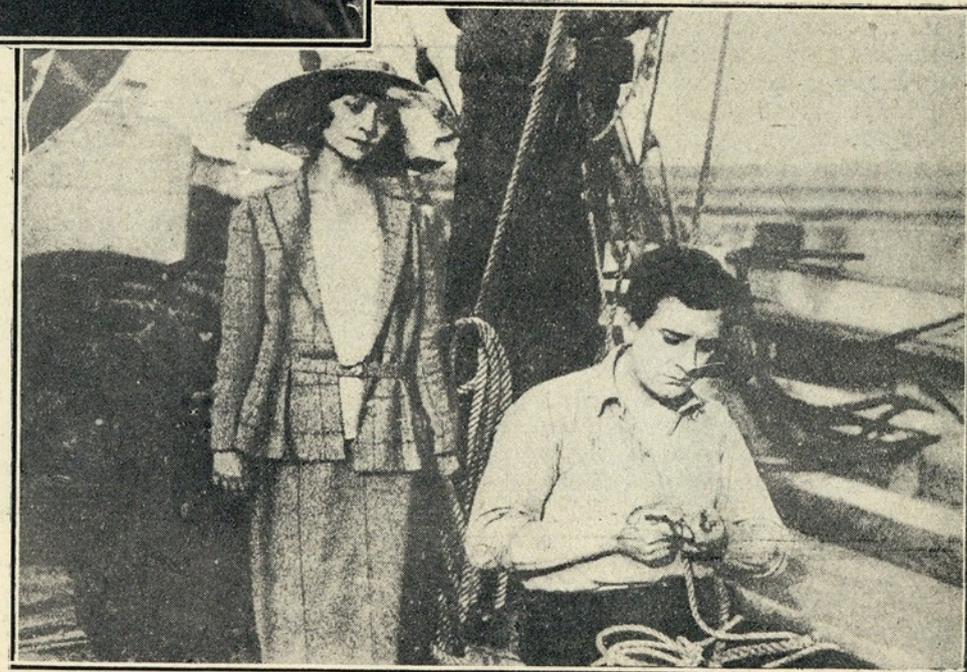
André Roanne conseguiu realizar uma interessante figura de sincero amoroso e intrépido cavaleiro.

montagem da pelicula, interpretou o principal papel masculino.

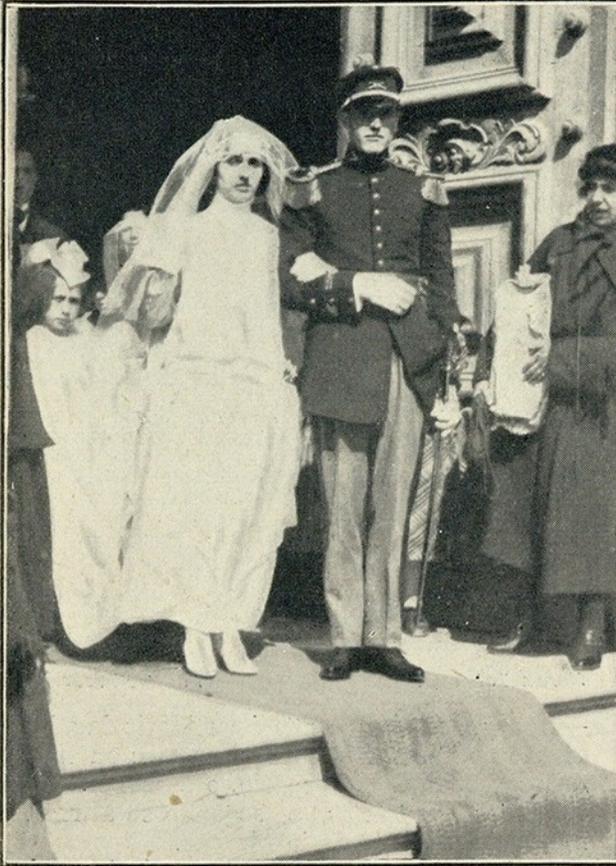
—Está obtendo um estrondoso exito, na capital franceza, a pelicula *Violettes impériales*, a que já nos referimos num dos nossos passados numeros.

Como para os seus precedentes «films» — *Les opprimés*, *La Vérité*, *La faute d'Odette*, *Maréchal*, *Visages voités*, *Ames closes!*

Madeleine Renaud (Marie Richard) e Léon Mathot (Jacques) no «film» *Vent Debout*, da Pathé-Consortium



CASAMENTOS



A sr.^a D. Henedina Paula Bentes e o sr. tenente d'artilharia Jorge Dionisio de Jesus, cujo casamento se realizou, ha dias, na igreja de Santa Isabel

A sr.^a D. Maria del Pilar Segura de Faria e o sr. dr. Estevam Antonio Gonçalves Martins, cujo casamento se efectuou, na mesma igreja, no dia 20

Grupo Recreativo da Caravana 4.^a

Sorrisos d'anjos



Fotografia tirada por ocasião da festa de homenagem ao sr. Joaquim Olaio, grande amigo deste grupo, de Coimbra

A gentil menina Maria Alexandra de Barcelos Soares Pamplona Ramos Corte Real, filha do deputado sr. Mario M. Pamplona Ramos e da sr.^a D. Victoria Beatriz de Barcelos Soares Pamplona Ramos

Companhia Robinne e Alexandre



O acontecimento teatral da semana foi a série de espectáculos pela *troupe* Robinne-Alexandre, artistas da Comédia Franca, e que atraíram á Trindade um publico tão numeroso como elegante. O belo teatro contou as enchentes pelas recitas, a despeito da natural elevação de preços, o que leva a crer que os embaraços da vida cara não amarguram todas as classes e nem sequer preocupam algumas d'elas.

A circumstancia de se haver enchido a Trindade durante mais de uma semana não constitue, porém, facto unico. O teatro da Avenida, com *O Poço do Bispo*, e o teatro Politeama, com *A Grêve Geral*, registaram tambem dois notaveis exitos de bilheteira, quer dizer, viram as suas salas, no decurso de algumas semanas, concorridissimas. E não aludimos aos cinemas, cada vez mais frequentados em *matinées* e *soirées*, para as quaes, em varios d'elles, como, por exemplo, o Condes, não raro deparamos «bicha»...

Os espectáculos da *tournee* Robinne-Alexandre, se não entusiasmaram o publico a ponto de provocar estrondosas ovações, agradaram sem exageradas reservas. Gabrielle Robinne e René Alexandre são, indiscutivelmente, dois artistas de categoria, impondo-se ella ainda por excepcionaes dotes de formosura plastica e de classica elegancia. Elle ocupa na primeira scena official parisiense um posto de relêvo e ao seu talento reúne mocidade e condições fisicas que lhe permitem fazer com brilho um repertorio que não dispensa uma e outras. Os comediantes que acompanharam Robinne e Alexandre, de caveira inferior á d'estes, segundo o costume, porque o caso de uma companhia de conjunto como a de Vera Vergani nunca foi frequente, houveram-se, em geral, com extrema correccão e, por vezes, um ou outro se afirmou de boa escola, interpretando a primor as figuras que lhe couberam, e citarei o trabalho de Mme Monys-Prad, em *Terre inhumaine*.

O pensamento que dominou na organisação do repertorio foi o de exhibir um certo, restrito numero de obras dramaticas francezas, consagradas pela critica e pelo publico e subcritas pelos nomes de Dumas filho, Georges de Porto-Riche, François de Curel, Pierre Wolf, Henri Becque, Courteline, Henri Lavedan e Alfred Savoir, obras nas quaes as duas primeiras figuras femininas da *tournee* luzissem as suas faculdades. Comquanto, em todas as peças, Robinne e Alexandre, se mantivessem, por via de regra, á altura da sua reputação, ás de maior agrado foram talvez aquellas que nunca se representaram na nossa lingua nem se viram até agora interpretadas em Lisboa por outras *troupes* estrangeiras. Quatro, pelo menos, que nos lembremos, se encontram traduzidas em portuguez: *Francillon*, *Le Duel*, *Les Marionnettes* e *La huitième femme de Barbe-Bleu*, tendo obtido, na interpretação de artistas nossos, o aplauso das platéas. *Amoureuse* fazia parte do repertorio que Mme Piérat trouxe, não ha muito, ao Nacional, e os apaixonados d'esta celebre artista preferiram a sua interpretação á da Mme Robinne, sem embargo da Piérat se fazer acompanhar por M. Ligné-Poe, armado em galacalvo, que aí cumularam de amabilidades e que se foi rir de quem tão exageradamente o apapariçou... *Terre inhumaine*, a peça do grande dramaturgo François de Curel, foi a que mais viva impressão produziu, quer como obra teatral e litteraria, quer pelo desempenho, circumscrio a tres artistas, Mmes Robinne e Monys-Prad e M. Alexandre, os quaes incarnaram as personagens da princeza Vitoria, de Pauline Parisot e Paul Parisot de maneira superior, pelo que teve de equilibrada e justa, de natural e humana, de comovente e patetica. Mas *Terre inhumaine*, que Robert de Flers profetisou que seria representada em todas as scenas do mundo, para a maior honra do teatro francez, é uma peça á margem da guerra e que fóra de França só difficilmente será bem interpretada e sentida por artistas que não sejam francezes e de boa e perfeita escola. Com estes interpretes, que vimos agora em Lisboa, succede ser Mme Robinne o tipo sedutor de mu-

lher formosa e distinta, talhado á maravilha para desempenhar a princeza alemã imaginada por de Curel; dá-se a coincidência de Alexandre, que faz o aviador Parisot, haver estado nas fileiras, onde ganhou duas cruces de guerra; acontece ainda que Monys-Prad viveu intensa e concentradamente as horas de angustia de Paulina Parisot, como quem muito de perto observou e compreendeu caracteres semelhantes aos dessa lorena heroica, que se sacrifica pelo filho e pela terra de França...

Ha que registar e propôr como excelente modelo, digno de ser seguido por uma numerosa parte dos nossos artistas, o escrupulo e a segurança com que os comediantes francezes se assenhoreiam do texto das peças que representam. Ninguem dá pela existencia do ponto, ao contrario do que, a miude, verificamos entre nós. Quem não teve já a desventura de assistir a espectáculos nos quaes se é forçado a ouvir primeiro a peça soprada pelo homem invisivel da concha e só depois repetida e mascada pelos que, no palco, afilam as orelhas para a providencia dos cabulas e desmemoriados occulta a seus pés? Os francezes decoram o texto e recitam-no com um andamento que, pelo facto de ser por vezes em demasia rapido, não impede que todas as cambiantes se firam, ainda as mais opostas, delicadas e subteis. Em geral, a nitidez da articulação nada absolutamente sofre; as inflexões correspondem ás idéas e aos sentimentos expressos; não se emperra na dicção; a réplica acode pronta, longos dialogos escutam-se sem enfado; certas falas mais extensas e de mais scintillante verniz litterario adquirem ou simulam uma naturalidade que se não descortinaria se a fórma de dizer fôsse lenta, gaguejada ou sermõesca... Na vida real, aquele andamento seria inverosimil por vertiginoso? Talvez, é quasi certo: pois que não ha palavra, por mais facil, por mais espontanea; por mais torrencial, que acompanhe assim o raciocinio... Mas de todas as convenções de teatro é esta uma das que menos repugnamos, porque pertence ao numero das que encerram maiores vantagens. O espectador, desde que esteja interessado no que se faz e diz em scena, tem pressa de chegar ao fim. Se ha conveniencia em explorar a sua anciedade, em acicalal-a, nenhuma existe em retardar-lhe o conhecimento e o prazer das réplicas que nunca serão proferidas a tempo, se tal depender dos labios do ponto, por mais ageis, e dos ouvidos do comediante, por mais apurados... O ponto deverá ser uma boia de salvacão a utilizar em momento de subito e grave risco; jámais a constante muleta, sem a qual não logram dar dois passos os mandriões e os amnesicos.

Metade do exito de um lavor scenico reside na plena memoria do texto por parte dos interpretes; não apenas posse verbal e mecanica, mas memoria em que a inteligencia e a convicção algo representem, para que seja completo o dominio das frases e suggestiva a arte de as proferir.

Os artistas francezes, dignos d'este nome, não sacrificam o texto sequer a determinadas exteriorisações mimicas, de que se podem tirar efeitos faceis mas superficiaes e passageiros. Não o adulteram; não ignoram o respeito que lhe devem; não se lhe antepõem, relegando-o para um plano secundario, como se tudo o mais alguma coisa pudesse valer, abstraido elle... Artistas portuguezes—faça-se-lhes justiça—adotam identicos processos e, por isso mesmo, é duplicado o valor dos seus merecimentos. Muitos, porém, estão longe de uma probidade e de um culto que constitue o segredo de triunfos inseparaveis d'essas virtudes... Chamamos a atenção de taes comediantes para o profundo erro em que laboram e pedimos-lhes que não perquem as lições dos seus camaradas estrangeiros, com autoridade para as dar... Quantos exemplos de honestidade profissional a pôr em pratica e que larga reforma de processos a executar—se quizermos que o levantamento do teatro portuguez seja uma realidade!

A. de A.

Ha Muitos Anos...

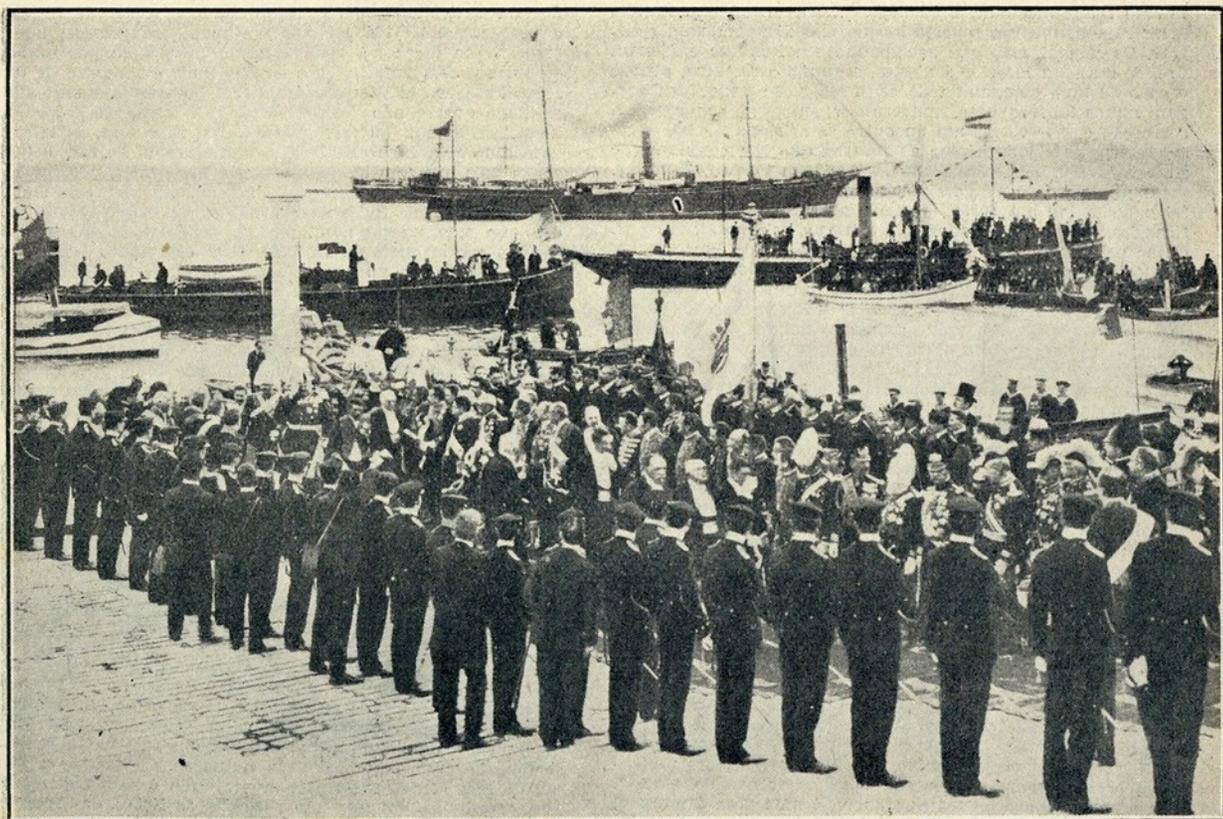


A sessão solenne em honra do imperador da Alemanha, da Sociedade de Geografia de Lisboa



Guilherme II por ocasião da sua visita a Lisboa

Faz 19 anos que o assunto do dia, em Lisboa, se não em todo o paiz, era constituido pela visita de Guilherme II a esta cidade. Recebido com grandes festas officiaes e, pelo menos, uma intensissima curiosidade popular, o *ex-kaiser* de hoje atraia então todas as atenções nacionaes, reproduzindo, os jornaes, o seu retrato, toda a gente lhe repetindo o nome e muita lhe copiando... os bigodes. 19 anos decorridos, nem a recordação dos bigodes resta. A moda, hoje, é a cara rapada. Decididamente *tout passe*...

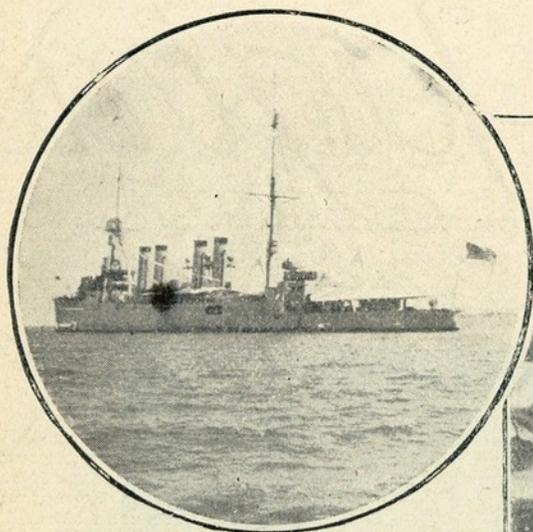


Desembarque do kaiser, no Terreiro do Paço, no dia 27 de março de 1905

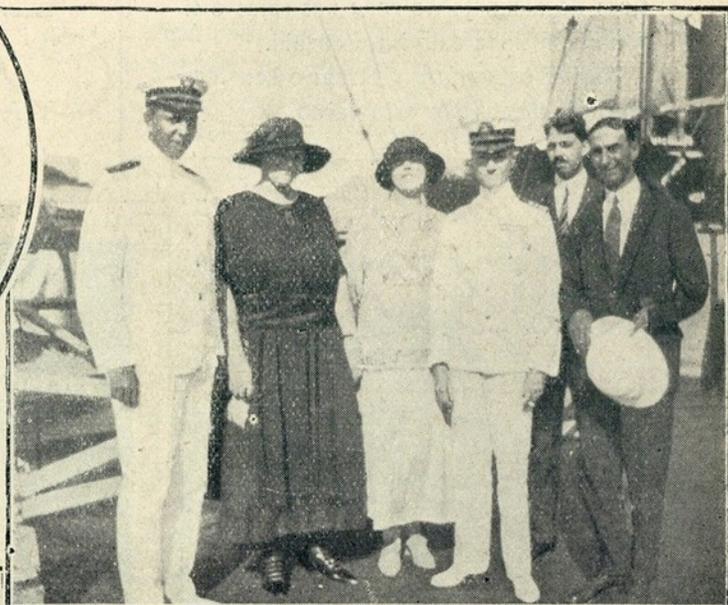
(Ilustração Portuguesa n.ºs 73 e 74—1.ª série.)

O cruzador norte-americano "Concord" em Lourenço Marques

UMA FESTA MILITAR

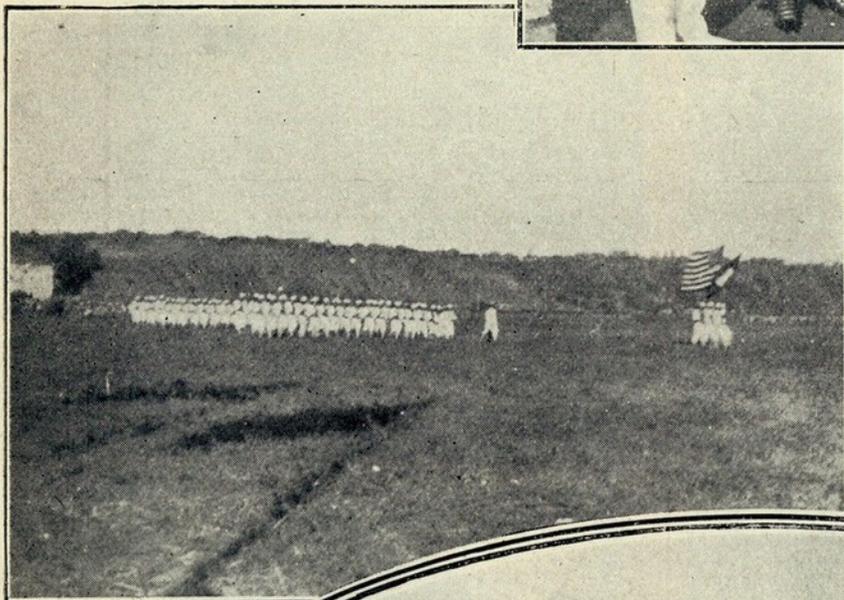


O U. S. S. Concord jureado em Lourenço Marques



Grupo tirado a bordo do cruzador

Da direita para a esquerda: — Consul francez, M. E. Bateyat; consul americano, Mr. Crass; comandante do cruzador, captain Murfin, Mme V. B. Bateyat; Mrs. Crass; 2.º comandante do cruzador



Os dois pelotões de marinha americana marchando na parada militar organizada em 26 de janeiro, para entrega do estandarte, vindo de Lisboa, à 1.ª Bateria Indígena de Metralhadoras

O governador geral, sr. dr. Moreira da Fonseca, acompanhado de sua esposa, do Chefe do Estado Maior e do seu ajudante, procede à entrega do estandarte ao comandante do 1.º Batalhão Indígena de Metralhadoras

(Clichés Cap. Libanio Gomes.)

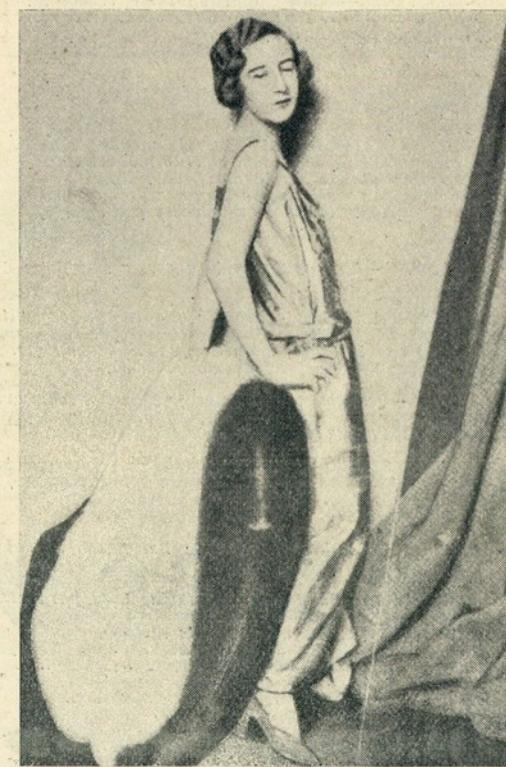
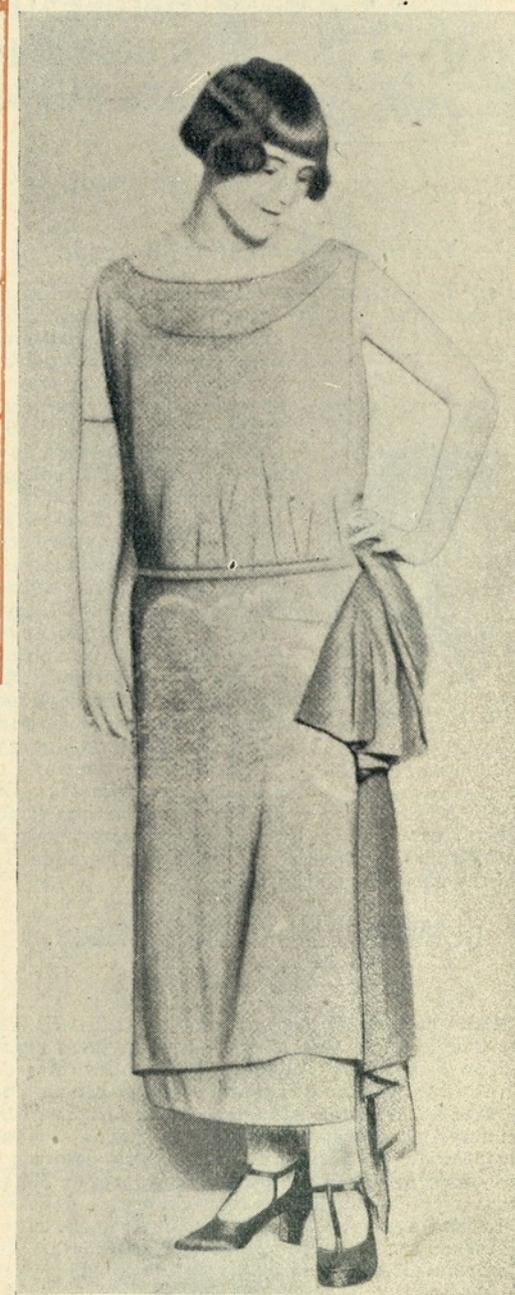


DEPOIS de inquietadora hesitação, a moda decidiu banir todas as tentativas de aumento de roda nas saias e ficou-se na linha estreita e esguia.

Assim, os *godets* viveram o seu tempo, pelo menos por este verão.

Magina Elegante

Como nota interessante desta estação, é ponto assente que os *tailleurs* também perderam no favor da moda que lhes prefere os vestidos inteiros denominados: *trois-pièces*, tão praticos como aqueles, mas mais femininos.





AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
**ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,**
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

VERSOS, por Maria de Rezende

A sr.^a D. Maria de Rezende é mais uma poetisa que vem enfileirar, donairosamente, no gremio, já tão abundante, das gentilíssimas damas que em Portugal cultivam hoje as musas. Os seus *Versos*, na sua maior parte sonetos, são delicados, sentidos, harmoniosos, femininos. Como tantas outras, a juvenil autora sentiu a influencia das que, na esteira de Virginia Vitorino, a precederam dominadas pela febre da publicidade e pela sedução da gloria. A sr.^a D. Maria de Rezende, nos versos amorosos, é vibrante e fremente de paixão e de sinceridade. Mas, por ora, não excede a meta como artista, se bem que a correcção e até a irrevogavel beleza dos seus poemas a colocam nas primeiras filas das inumeras poetisas da nos-



D. Maria de Rezende

sa terra, como nunca assombrosamente fecunda em manifestações de lirismo... Edição de Miranda Barbosa, rua Augusta, Lisboa.

QUESTÕES DA LINGUA PATRIA,

por J. Xavier Fernandes

Editado por Alvaro Pinto (*Anuario do Brasil*), veiu á luz com o titulo *Questões de Lingua Patria* um volume de J. Xavier Fernandes, que o subtintitula «coisas que as gramaticas não dizem e outras contra o que elas dizem». O autor das *Questões de Lingua Patria* é um acerrimo defensor da pureza da lingua comum a portuguezes e brasileiros e um partidario caloroso da nossa moderna ortografia oficial. Em perto de 350 paginas versam-se muitos dos mais curiosos e debatidos problemas linguisticos, mas é particularmente ás pessoas menos eruditas que aproveitam as lições do illustrado professor que as publicou antes em varios periodicos do Brasil e de Portugal, como a *Revista da Lingua Portuguesa* e o *Jornal Portuguez* do Rio de Janeiro. A par da doutrina velha, o volume encerra ideias cuja paternidade pertence ao sr. Xavier Fernandes e que ele reputa inteiramente novas. O nosso dr. Candido de Figueiredo é um dos mestres que o autor tem em maior conta.

A. de A.

A. V. (INVICTA)—Que qualquer leitor, desconhecendo o original, procedesse ás considerações a que o sr. procede, com relação á tolice que se publicou, em substituição do que nós escrevemos, estaria certo. Mas, o sr., que sabe ou deve saber o que escreveu, é que está errado. Tanto como o verso em questão que é este e não o que saiu, por lapso:

Quando uma noite, sósinhos, me disseste

Foi isto que o sr. escreveu e pode, a isto, aplicar toda a sua sciencia de metrificação que, quanta mais aplicar, mais verificará estar erradíssimo.
E para ficar certo é que nós lhe propozemos:

Quando uma noite, a sós, tu me dissestes

Não valeu a pena, portanto, tamanha cancela para nos demonstrar que, quem sabe versar, somos nós e... Canções.
Em todo o caso esta resposta sempre servirá de errata para uso dos que, em face da gralha, porventura supuseram ser o senhor...

M. C. (MADEIRA)—Fica aguardando a vez de ser publicado.

S. S. G. P.—Banal e, o ultimo verso, errado na acentuação. Não ha maneira, portanto, de o absolvemos de ter principiado pelo mais dificeil.

G. S. (PORTO)—Está dito, mais duma vez, que não inserimos originaes já publicados. Peto menos com a consciencia de o fazermos.

A. de B. (MADEIRA)—Quando menos, original, o que já é alguma coisa para um presumido estreado. E dizemos presumido porque duvidamos quasi tanto que seja estreia, como que não continue. Nestas coisas, o mal é começar... Além de que seria lastimavel que ficasse por aqui, quem tão bem começa (?).

A. S. C.—Fica aguardando a vez, a sua Noite de tempestade.

MINHA E MOÇA—Prosa e quadras serão publicadas tão depressa seja possivel. Quanto a estas parece-nos muito bem o titulo que lhes poz, mais adequado ao tema glosado que o As minhas quadras, demasiado generico.

J. R.—Dos seus tres sonetos, O Mar é o mais aceitavel. O mendigo e O teu amor são fraquinhos. Não os exponhamos ás correntes d'ar da publicidade.

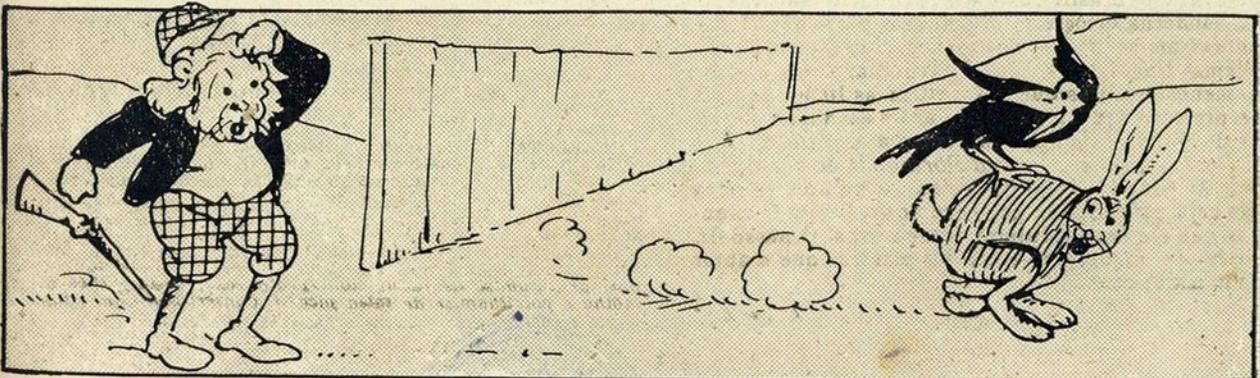
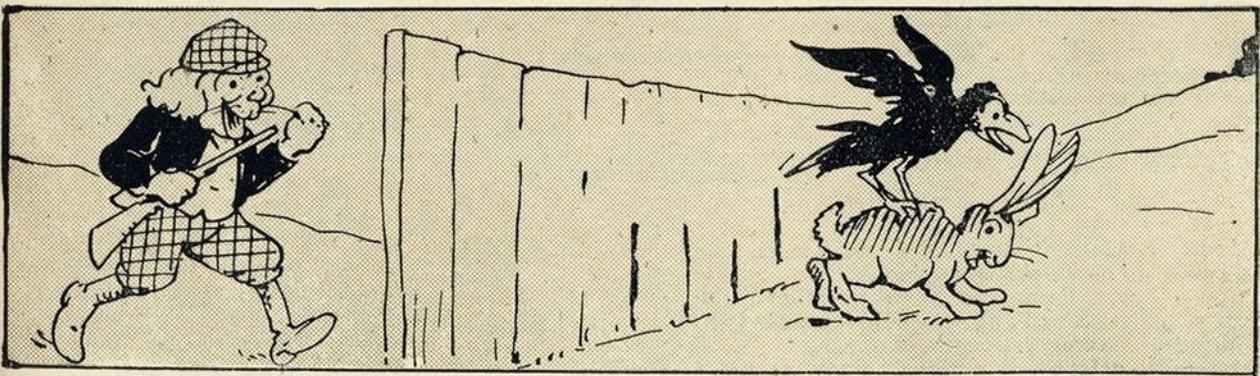
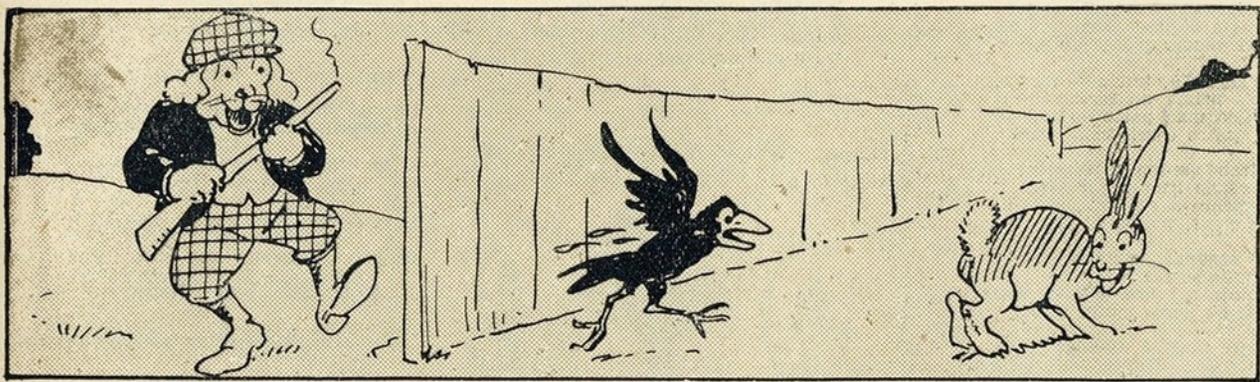
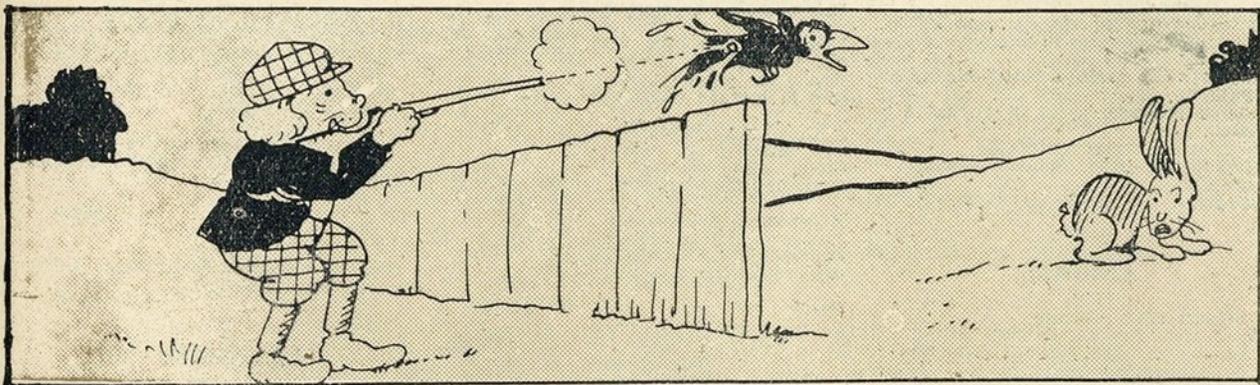
ALFA SIGMA—Serão publicados os versos que mandou, o que significa que tambem poderá ter cabimento, na Silva Poetica, o genero satirico.
Por que não?

R. O. (LUAR)—Por amor de Deus! Não chegam, sequer, a ser versos.

CARLOTA—Ha diferentes saladas boas para acompanhar carnes frias, mas, como me pede uma receita fresca, porque é no verão que faz mais uso de saladas, envio-lhe a de pepino. Deite em uma tigela duas colheres de sopa de leite azedo e vá gradualmente juntando-lhe 2 colheres de sopa de vinagre e másturando tudo com uma colher de pau. Junte-lhe sal, pimenta, noz moscada e meia colher de chá de cebola picada. Descasque o pepino e corte-o em rodellas finas; arranjam-se as fatias num prato raso, deita-se-lhes o molho e polvilham-se de salsa picada. Conserva-se num sitio muito fresco ou em gelo, até á hora de servir.—D.



O LEÃO, O CORVO E O COELHO



ESFINGIA



Decifrações das produções publicadas no anterior numero

Enigmas: Gouveia—Comico—Alcaravão Palhota.
Enigma pitoresco: Qual o cão, tal é o dono.
Charada em verso: Altercação.
Charadas em frase: Sanoma—Bemfica—Chibata.
Logogrifo: Pitoresco arrabalde.

ENIGMAS

O enigma aqui presente não é mais que um animal, e tem apenas seis letras sem nenhuma ser igual.

Dividido em duas partes, cada meio é semelhante, pois a segunda com tercia é o mesmo que o restante.

A segunda, tercia e quarta, co'a prima no cerramento, sendo uma parte do todo é quatro e seis com acento.

Tirando-se-lhe a primeira e vendo bem a preceito, pertence á antiguidade, as cinco, postas a oito.

A' segunda, sexta e quarta, ajunte se faz favor quinta e prima—e quer dizer que eu tenho muito valor.

Dizer mais é duvidar do leitor inteligente... Não é mais que um animal o enigma aqui presente.

Menina e Mcça

(A D. Margarida V. C.)

Fui um dia consultado Sobre assunto melindroso: —Enlace mul' de-ejado, Mas podendo ser p'rigoso.

Antonio Sá Brazil, Eis o nome do rolinho; Margarida Lima Gil, Doce amor que quer p'ro'ninho!

«Tentamos casar, bom doutor, Disseram-me os dois, á uma, E transbordamos d'amor, Mas a saúde é nenhuma...»

«E' triste! disse eu p'ra mim, Fingindo embora alegria: Um *Gateno* mente assim, A bem dizer cada dia.

«Casareis, meus jovenzinhos, Como é vosso firme intento; Mas exijo aos dois noivinhos Fazer já, já tratamento.»

«Pronto, rico doutorzinho! Uma voce declararam: «Se só há esse caminho...» Os bons paes acrescentaram.

Tudo correu de feição, Mercê das drogas usadas E da Fé, da Ilusão, Que enche as almas namoradas!

«Já nos podemos casar!!!
 Dizia o bom do Sázinho;
 «E onde vamos morar?»
 Fazia a Lima baixinho...

Era a mim que competia
 Dar aqui uma resposta;
 Isso fiz com ousadia:
 —Indiquei mar... o sal... costa...

Ao mesmo tempo falei
 D'esta maneira aos nubentes:
 «Tu, rapaz, vaes ser um rei!
 E honrar os parentes!

Não quero um filho nem dois,
 São precisos três casaes!...
 E não me digas depois
 Que já basta e usas... saes...»

A Lina—dissimulada!—
 Por detraz d'um reposteiro,
 Ouvia, rindo enlevada,
 O *Doutor Casamenteiro*...

E depois, p'ra conclusão,
 Puxeis os dois a terreiro:
 «Unam nome e... coração
 Nas cercanias d'Aveiro!»

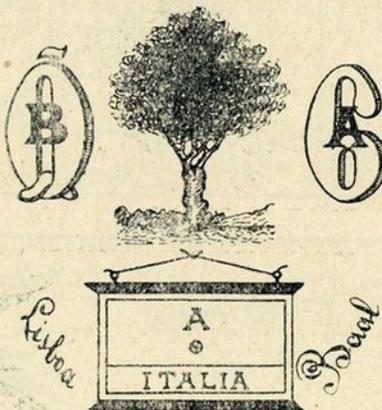
Porto Dr. Essejê.

(Por sílabas)

A terceira, mais primeira,
 Sempre é dado com usura;
 E primeira com segunda,
 Conceito que muito abunda,
 E em casa se procura.

Porto Feldirio.

ENIGMA PITORESCO



QUADRO DE HONRA

Fagilde & Tobias—S. Paio—
 Dr. Essejê—Tres Typos—Sant'
 Ana—Joven Teiemaco—Violeta
 —Pim, Pam, Pum—Dr. Pirilau—
 Pam—Do 16—Fonseca, Ayres &
 Ribeiro—Capitão Silva—Marco
 Lino—A. Pires—Serrot—Dama
 Oculta—Cupido—Sargento Cronico—Um velho pobre—J. Ferreira.

Campeões decifradores do penultimo numero

CHARADAS EM FRASE

Tem direito a ter juizo este homem —1—2.

Rinhotas.

Para os lados de Cacia, há uma ave que junta com uma mulher, produz outra mulher—1—2—2.

Porto Anjo.

Peça de vestuario de primeira, nota, peça de vestuario—2—1.

Pam.

LOGOGRIFO

(Sobre o belo soneto «Natal», da brilhante poetisa D. Maria de Carvalho)

(a Gira Girão)

N'um regaço de Mãe, regaço terno—6 —18—22—4—16

Dormia brandamente o Deus Menino... Sorrindo ao mundo, á Cruz do seu destino—19—21 3—11—23.

E ao doce amor do coração materno—14—22—17—10—9—21—4—16.

Uma estrela brilhava em céu de inverno...—14—1—17—7—14—3—15—21—2

Os Magios seguem esse olhar divino—6 —14—7—14—1—4—10—5—7

E vão buscando sem perder o tino,—1— 23—3—13—18—3—16.

A humana forma d'um principio eterno.—17—14—9—14—3—14.

O firmamento, puro e luminoso—6—7— 20—19—23.

E' que lhes marca o ponto misterioso, E sempre, a todos nós, certo, conduz.

Martir ou sabio, viajante ou crente,— 17—12—11—8—3—4—14

Ergue os olhos ao Céu, forçosamente Porque é sempre do Céu que vem a luz!

C. Sillet.

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na *Ilustração Portuguesa* as decifrações das produções inseridas n'este numero

—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Seculo* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, que deverão ser entregues até cinco dias após a saída d'este numero, ás 16 horas, na sucursal do Rocío.

—Todas as produções devem vir escritas em separado e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel lizo e tinta da China

—Os originaes, quer sejam ou não publicados, não se restituem.



= DOENTES =

*Do estomago, rins, figado e intestinos,
a triticos, obesos e infaticos, nervosos e mentais;*

Por graves ou antigos que sejam os vossos padecimentos, **responsabilizo-me da sua cura** por meio dos meus especiais tratamentos **NATURO PSICO-MAGNETOTERAPICOS.**

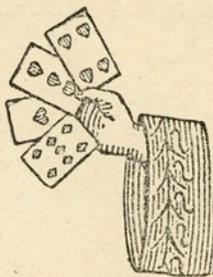
DR. INDIVERI COLUCCI
RUA CIDADAO JOAO GONÇALVES, 20, 2.º, E
(AO INTENDENTE)
TELEFONE 2.788-N.

SENHORAS! USE SEMPRE O

Maria "Luiza"

M. ME VIRGINIA

CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro. Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro. Consultas todos os dias e eis das 17 as 22 horas e por correspondencia. Enviar 1\$00 para resposta da carta
Calçada da Patriarcal, n.º 1, 1.º, Esq.
(Cimo da rua da Alegria, predio asquino)

AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

RAINHA DA HUNGRIA

Para a beleza da pele, dando-lhe um aveludado e uma frescura incomparaveis. As senhoras que o usam tem uma pele ideal

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida 23 LISBOA Telef. 3641-N

Resposta mediante estampilha. Na provincia de Moçambique quem pretender os productos de Madame Campos dirigir-se-ha a «A PORTUGUEZA» de Santos Rufino Limitada, Lourenço Marques

LINHOS BRANCOS
RENDAS-ENTREMEIOS
LENÇOS-CRETONNES

Au Printemps-R. Ivens, 56

**Perfumaria
Balsemão**

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Pensão-Dietética

*Medica, Naturista
e Ordinaria*

QUARTOS amplos com electricidade, janelas e confortavelmente mobilados Higiene rigorosa e serviço esmerado. Aceitam-se comensaes. Rua Francisco Sanches, M C, 1.º (Cimo Av. Alm. Reis).

Oficina de Vulcanização
DE
Francisco Bernardino
Rua do Binal 21
Consertos em pneus e camonhas
com perfeição, velocidade e rapidez, cuyos
os trabalhos são absolutamente
garantidos.



Coroas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria. é na
Camelia Branca
L. D'ABEGOARIA, 30
(ao Chiado) - Tel 3270

Casa Adão

CHAS, CAFES, LICORES,
CHAMPAGNES, VINHOS DO PORTO-E DA MADEIRA DA ANTIGA CASA

FERREIRINHA DA REGOA
e de F. F. FERRAZ & C.ª L.ª

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Loja e armazem

— 76, Rua dos Retrozeiros, 77 e 75-2.º —

Escritorio

Rua Augusta, 70, 3.º

Telefone 1566-C.

MODAS & BORDADOS

Ler o proximo numero do SUPLEMENTO de

Bebam

AGUA

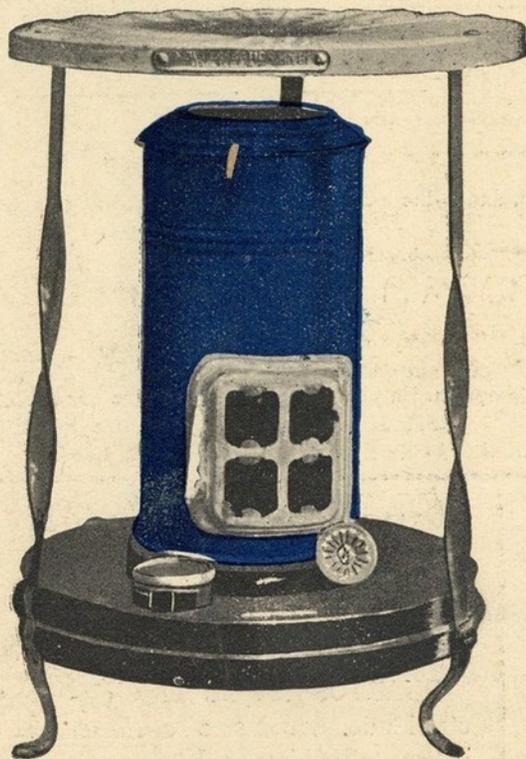
DE

S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

QUERE MAIS CONFORTO EM SUA CASA
OU NO SEU ESCRITORIO?

Compre um calorifero



e consuma sempre

Sunflower

O petroleo preferido

VACUUM OIL COMPANY
